

2.º VISCONDE
SANTARÉM

Pensamento histórico
e acção política
do
2.º Visconde
de Santarém
(1809-1855)

DANIEL ESTUDANTE PROTÁSIO

EDIÇÃO D'AUTOR


bubok
EDITORIAL

Pensamento histórico e acção política do 2º visconde de Santarém (1809-1855)



Daniel Estudante Protásio



Pensamento histórico e acção política do 2º visconde de Santarém (1809-1855)



O 2º visconde de Santarém retratado em 1821 em Paris, quando ainda não tinha trinta anos de idade.

“Que teria sido de mim sem o estudo, sem os livros, sem a filosofia que eles inspiram na adversidade! Ao estudo devo consolações e confortos que, sem este, não encontraria em circunstância alguma e que nenhum poder humano me podia dar. [...] É aos livros que devo a tolerância dos princípios e as convicções profundas da indispensável necessidade de ordem nas sociedades humanas”

(2º visconde de Santarém, em carta de 18 de Abril de 1842 dirigida a Rodrigo da Fonseca Magalhães)

Ficha técnica:

Título: *Pensamento histórico e acção política do 2º Visconde de Santarém (1809-1855)*

Autor: Daniel Estudante Protásio (daniel.estudante.protasio@gmail.com)

Editado por **Bubok Publishing S.L**

1ª edição: Março de 2014

© Daniel Estudante Protásio

© *Pensamento histórico e acção política do 2º Visconde de Santarém (1809-1855)*

ISBN digital: 978-84-686-4921-4

Impresso em Portugal

Fontes das imagens: **capa, páginas 1 e 3**, autor desconhecido, quadro representando o 2º visconde de Santarém na velhice, existente na Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa (a partir da obra *Tesouros da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa, Edições Inapa, 2001, p. 68); **contracapa e página 4**, Bouchardy, pintura representando o 2º visconde de Santarém em 1821, reproduzida em litografia de J. Vilas Boas na obra de Pedro António José dos Santos, *Retratos dos homens ilustres, que por ciência, política e artes sobressaíram em Portugal durante o século XIX*, Lisboa, 1846.

A presente edição conta com o apoio da **Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT)**.

Índice

Agradecimentos.....	11
Nota explicativa (Janeiro de 2014).....	13
Principais abreviaturas utilizadas.....	15
Critérios utilizados	17
Introdução	19
Capítulo 1: breve esboço biográfico.....	29
Palavras prévias	29
“Os nossos maiores”	30
O 1º visconde de Santarém (1757-1818)	31
O 2º visconde de Santarém (1791-1856)	36
Estudos e preparação para a carreira diplomática (1801-1814).....	38
Perfil intelectual	42
Capítulo 2: historiografia e filosofia da história	53
Historiografia tradicionalista e historiografia liberal.....	55
Santarém e Herculano, dois contemporâneos (1810-1856)	56
Influências.....	60
Estrangeirados, estrangeiros, exilados e diplomatas	64
A Academia das Ciências de Lisboa	67
Herculano e o 2º visconde de Santarém, 1842-1846	69
Herculano e o 2º visconde de Santarém, 1846-1853	73
A Universidade de Coimbra.....	76
Filosofia da história, nacionalismo e historicismo.....	80
Capítulo 3: pensamento e acção políticos (1809-1833)	109
Introdução	109
Direito Natural, absolutismo francês e método histórico.....	109
I Pensamento político.....	116
1) As quatro correntes decisivas na ideologia do visconde de Santarém.....	116
2) Os anos de transição (1826-1828)	127
3) O reinado de D. Miguel (1828-1833).....	134
4) A carta de 18 de Abril de 1842	141

II Acção política.....	142
1) 1809-1823	142
2) 1824.....	146
3) 1826-1828	149
4) 1828-1833	163
Capítulo 4: historiografia e acção diplomáticas (1809-1855)	179
História, diplomacia e política	179
I Historiografia diplomática	182
Introdução	182
1) <i>Quadro Elementar</i>	185
2) <i>Corpo Diplomático</i>	194
3) <i>História Política de Portugal</i>	197
II Acção diplomática	198
1) Carreira diplomática.....	198
2) Ministro dos Negócios Estrangeiros (1828-1833).....	208
3) Apoio officioso à diplomacia liberal (1836-1855).....	222
Capítulo 5: polémicas, historiografia dos descobrimentos e Geografia.....	225
Introdução	225
Zurara, Santarém e Bensaúde: uma tríade maldita?	225
A história dos descobrimentos: questão de Estado, questão nacionalista e questão identitária	236
I Polémicas.....	238
1) Polémicas diplomáticas ultramarinas (1836-1855).....	238
2) Polémicas históricas (1835-1847)	241
3) Polémicas cartográficas (1847)	256
II Historiografia dos descobrimentos	261
III Geografia	265
Conclusão	273
Fontes e bibliografia.....	279
1. Fontes	279
1.1. Fontes manuscritas.....	279
A) Colecção Visconde de Santarém	279
B) Arquivo Nacional da Torre do Tombo.....	279

Pensamento historico e acção política do 2º Visconde de Santarém (1809-1855)	9
C) Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa	280
D) Biblioteca Pública de Évora.....	280
1.2. Fontes impressas	280
A) Obras de carácter geral.....	280
B) Publicações periódicas	281
C) Obras de natureza generalista, com referências ao 2º visconde de Santarém	281
D) Obras do 2º visconde deSantarém	283
E) Sobre o 1º visconde de Santarém	285
F) Estudos sobre o 2º visconde de Santarém	285
2. Bibliografia	287
2.1. Obras de referência	287
2.2. Obras de carácter geral	287
2.3. Portugal no tempo do 2º visconde de Santarém	288
2.4. História e historiografia	291
2.5. Pensamento político	293
2.6. História diplomática.....	294
2.7. Bibliografia mais recente sobre o 2º visconde de Santarém (2010-2012)	295
Apêndices documentais	297
I A evolução histórica do conhecimento bibliográfico sobre os <i>Atlas</i> (1841-1989)	299
II Bibliografia activa do 2º visconde de Santarém	301
III A carta de 18/4/1842 para Rodrigo da Fonseca Magalhães (excerto)	317
Destinatários da correspondência citada do 2º visconde de Santarém	319
Índice remissivo onomástico de autores e figuras históricas.....	323

Agradecimentos

A publicação de um livro constitui, ao mesmo tempo, um momento de chegada e um momento de partida. Representa o fim de uma etapa e o início de outra. No presente caso, significa a conclusão de um longo período de tempo dedicado ao estudo da História de Portugal e ao aperfeiçoamento da expressão escrita, bem como da familiarização com as línguas francesa e inglesa, sem as quais o conhecimento do passado europeu não seria possível. Tenho, assim, que agradecer a um grande número de professores de História, Português, Inglês e Francês, que me ensinaram tudo o que aprendi, em vários estabelecimentos de ensino de Queijas, Miraflores, Madorna (Parede) e São João do Estoril, nos concelhos de Oeiras e de Cascais. Sem a sua dedicação, paciência e profissionalismo, não teria podido desenvolver os conhecimentos que me permitiram, quando entrei no ensino superior, já ter um interesse particular pela História e algum gosto pela leitura. Nesse processo de aprendizagem, há que também incluir alguns explicadores, que me ajudaram a aperfeiçoar alguns aspectos mais frágeis do meu percurso escolar. Não posso deixar de referir a minha amiga Maria de Lurdes Borges de Castro, amiga da minha avó materna, que muito contribuiu, com as suas conversas e empréstimo de livros, para o meu interesse e fascínio pela História.

No que diz respeito às várias universidades pelas quais passei, desde a Universidade Autónoma, à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, no âmbito da licenciatura, do mestrado e do doutoramento, há naturalmente vários professores a quem devo muito. Primeiro, na aprendizagem dos factos relativos a um longuíssimo período de tempo da história da humanidade, desde a pré-história até ao século XX, depois, na especialização progressiva no século XIX. Tive a sorte de ser aluno de alguns dos professores que considero serem figuras centrais do conhecimento histórico português das últimas décadas, em Lisboa e Coimbra, relativo

à memória histórica, à historiografia e à suas relações com a ideologia, como Sérgio Campos Matos, Fernando Catroga e Luís Reis Torgal. Outros professores foram essenciais na operacionalização e acompanhamento de estudos relacionados com o 2º visconde de Santarém, como Francisco Contente Domingues e sobretudo António Pedro Vicente, meu co-orientador de tese de doutoramento. Mas a quem mais devo, nos últimos vinte anos e a quem mais estou agradecido, pelo esforço e acompanhamento incansáveis, é ao Professor e Amigo Sérgio Campos Matos, que continuamente me incentivou a procurar manter uma escrita objectiva, sintética e simples, focada no essencial dos problemas e questões históricos e metodológicos, enquanto professor na licenciatura, arguente no júri de mestrado e, sobretudo, co-orientador de doutoramento e de pós-doutoramento.

A nível institucional, quero agradecer à Fundação para a Ciência e Tecnologia, da qual fui bolsheiro entre 2001 e 2005. Sem tal financiamento, o trabalho de investigação desenvolvido e a publicação deste livro não teriam sido possíveis.

Por fim, o meu agradecimento a todos aqueles que, na esfera pessoal e familiar, de alguma forma acompanharam, incentivaram e apoiaram os meus estudos e, mais tarde, o meu envolvimento directo na análise da vida e obra do 2º visconde de Santarém. Em termos técnicos, relativos à edição de texto, tenho a agradecer à Ana Santana e à minha irmã, Patrícia Protásio, muitas horas de revisão de provas, com leitura de temas que não são da sua área específica de trabalho ou de interesse e ao meu irmão, Marcos Protásio, preciosa ajuda na resolução de algumas questões de apresentação gráfica de textos da tese de mestrado. Há que destacar um amigo de longa data, o actual visconde de Santarém, com quem há perto de duas décadas partilho interessantes conversas sobre o seu ilustre antepassado. Em termos emocionais, não posso deixar de agradecer a compreensão, apoio e partilha desta minha paixão pelo 2º visconde de Santarém por parte da Ana Paula Nereu e da Sílvia Coelho, em diferentes momentos da minha vida. E, a todos os níveis (incluindo o financeiro), de forma constante, à Patrícia Protásio (minha irmã) e à minha mãe, Maria Deolinda Estudante, sem as quais não seria quem sou hoje.

Nota explicativa

O presente livro é uma adaptação de uma tese de doutoramento em História Institucional e Política Contemporânea defendida na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em Março de 2009. Do texto original foram retirados um sexto capítulo, mais de uma vintena de quadros contendo informação vária e diversos apêndices documentais. Os dois capítulos iniciais foram simplificados, assim como a conclusão. Da bibliografia foram retirados alguns títulos que apenas eram referidos nas páginas que não são agora reproduzidas. Remete-se para a tese original, existente na Biblioteca Nacional de Lisboa, o leitor que queira consultar o texto na íntegra.

Com a publicação deste livro, pretende-se colmatar uma lacuna que teimosamente persiste, desde a comemoração do bicentenário do nascimento do 2º visconde de Santarém, em 1991: a existência de um estudo abrangente e multidisciplinar sobre a vida e obra desta importante figura da primeira metade do século XIX português. Apesar de uma longa tradição de monografias e estudos que lhe são dedicados, desde 1903, bem como de várias referências em blogues, artigos na imprensa e em catálogos publicados desde 1989, continua a não existir uma obra de grande fôlego que o tenha por tema ou que contradiga algumas incorrecções biográficas e bibliográficas.

O enriquecimento da actual edição com um índice remissivo pretende facilitar a consulta de um texto que pode interessar a uma grande variedade de leitores, desde os especialistas nas várias áreas científicas e culturais em que o visconde de Santarém é conhecido até aos curiosos por uma figura que simboliza uma determinada forma de viver a ciência e a ideologia em Portugal e na Europa do seu tempo.

Considero que qualquer tentativa de actualizar o texto concluído em 2008 e defendido em provas públicas de doutoramento no ano seguinte constituiria uma forma de reescrita e de adulteração dos pressupostos então mantidos. Obra naturalmente fruto de uma determinada época e de uma determinada experiência de

vida e de investigação, foi objecto de uma tentativa de simplificação e de aumento da legibilidade, retirando-se, por exemplo, várias notas infrapaginais que remetiam para outras passagens do texto. O leitor será soberano na forma de ler este livro. Quem queira conhecer outros textos publicados sobre o 2º visconde de Santarém, publicados depois de Março de 2009, pode encontrar os respectivos títulos listados no final da bibliografia. Parece-me que a maioria constitui novas tentativas de chegar a súmulas sobre estas matérias, as quais acabam por não contradizer o que é afirmado na presente obra, até porque alguns desses textos também foram escritos por mim e têm por base, naturalmente, as conclusões a que anteriormente cheguei.

Por fim, é de assinalar que a grafia utilizada neste livro é a que estava em vigor em 2008, não sendo, por isso, utilizado o Novo Acordo Ortográfico.

Pernigem (São João das Lampas, Sintra), Janeiro de 2014

Principais abreviaturas utilizadas

ANTT = Arquivo Nacional da Torre do Tombo

C. – Cerca de

CD = *Corpo Diplomático...* (obra do 2º visconde de Santarém)

Cit. = Citação. Pretende assinalar, numa nota infrapaginial, a localização exacta de uma transcrição de texto

Dir. = Direcção (de obra colectiva)

F. = Folha

FF. = Folhas

MLTT = Manuscritos da Livraria da Torre do Tombo

MNE = Ministério ou ministro dos Negócios Estrangeiros

N. = Nota

NN. = Notas

Org. = Organização (de obra colectiva)

PMH = *Portugaliae Monumenta Historica*

QE = *Quadro Elementar...* (obra do 2º visconde de Santarém)

S.D. = Sem data

S.L. = Sem localização

S.N. = Sem numeração

T. = Tomo. Ts. = Tomos

Vol. = Volume

Critérios utilizados

Nas transcrições de textos, a pontuação e a grafia foram actualizadas. As maiúsculas foram uniformizadas, exceptuando aquando da citação de títulos ou de transcrição de passagens escritas pelo visconde de Santarém (mantidas, neste caso, para sublinhar a importância de certos conceitos ou expressões). Todas as abreviaturas foram desdobradas (incluindo algumas de utilização corrente, como V. Ex.^a).

Na bibliografia, foram inventariadas obras citadas duas ou mais vezes. São incluídas, excepcionalmente, aquelas em que a menção de um título ou de uma única passagem não reflecte a importância do trabalho em questão para a elaboração da presente obra.

Nas notas infrapaginais, apenas aparecem referidas as editoras ou gráficas referentes a obras que não estão incluídas na bibliografia.

Introdução

O **tema** da presente obra incide sobre uma figura do século XIX português, o 2º visconde de Santarém (1791-1856¹). Mais especificamente, sobre a forma como construiu um determinado discurso histórico, alimentando um breve mas rico percurso político.

A **necessidade** de uma reflexão desta natureza revela-se urgente, por se tratar de um governante com acção dissecada e de um historiador com obra de grande relevância na historiografia portuguesa. Porém, dessa publicação e análise não resultaram um retrato verosímil do percurso e pensamento desenvolvidos. Pedindo emprestado à Pintura um conceito que lhe é próprio, eu diria que falta dar do 2º visconde de Santarém um **retrato de corpo inteiro**.

Tal como de muitos políticos, historiadores e diplomatas portugueses da primeira metade do século XIX, sobretudo daqueles que se colocaram de lados opostos da barricada durante a Guerra Civil de 1832-34, também do visconde de Santarém está por fazer uma reflexão aprofundada, contextualizante e documentada de vivências pessoais, historiográficas e ideológicas. Fará ainda sentido que impere o estigma daquele avassalador conflito interno sobre uma multiplicidade de figuras, liberais e miguelistas, muitas delas relacionadas entre si por ligações familiares (²), de amizade e pela defesa de interesses nacionais comuns? Ou tornar-se-á necessário, pelo contrário, perceber o entrelaçar dessas vivências entre ex-inimigos, as quais terão ajudado a moldar formas originais de pensar a política e a história portuguesas?

¹ Refiro-me a esta figura como 2º visconde de Santarém (1791-1856), para assim o distinguir do seu pai, o 1º visconde (1757-1818) e dos seus neto e bisneto, os 3º (1878-1971) e 4º titulares (1929).

² Para além do que sucedia na família Lavradio, “Divisões semelhantes se notaram nas famílias do duque de Saldanha, do marquês de Sá da Bandeira e em muitas outras, tanto opulentas como humildes” (Pedro Soares Martínez, *História Diplomática de Portugal*, s.l., 1992 (2ª edição), p. 390, n. 105).

Em **termos cronológicos**, o presente trabalho incidirá sobre o quase meio século que decorreu de 1809 a 1855. Entre o momento em que o futuro 2º visconde de Santarém iniciou a recolha de documentação diplomática para aquela que sonhava ser a sua “Grande obra” e o ano de publicação do seu último trabalho – significativamente defendendo a prioridade do conhecimento português da zona dos grandes lagos africanos onde o Nilo nasceria ⁽³⁾. Aquelas duas datas também correspondem a outros tantos acontecimentos políticos altamente simbólicos na vida do historiador e ideólogo: os acontecimentos da Semana Santa de 1809 ⁽⁴⁾ e a presença de D. Pedro V em Paris.

A totalidade da existência do 2º visconde de Santarém será, naturalmente, tida em conta, mas apenas na medida em que permita entender aspectos específicos da vida e da obra. Não procurarei elaborar uma biografia – nem sequer uma biografia política; apenas carrear materiais para que, um dia, seja possível concretizar (sobretudo) a segunda.

A presente obra pretende fazer um **ponto de situação** de um vasto conjunto de fontes e bibliografia que existe sobre o visconde de Santarém. Constituir uma **monografia de síntese**, que estabeleça uma súpula de boa parte do que existe impresso e do que se conhece inédito do visconde. Interpretar e contextualizar uma massa considerável de documentos, em que milhares de páginas impressas de uma prosa sincrética estão publicadas, sem um único índice remissivo que permita ter uma visão de conjunto da vida e da obra ⁽⁵⁾. Por fim, relacionar tais documentos entre si e

³ 2º Visconde de Santarém (daqui por diante visconde de Santarém), “Observations sur la découverte d'un lac dans L'Afrique, au sud de l'Équateur”, 1855, in *Opúsculos e Esparsos. Coligidos e coordenados por Jordão de Freitas e novamente publicados pelo 3º Visconde de Santarém*, vol. II, Lisboa, 1910, pp. 443-45.

⁴ Em consequência da segunda Invasão Francesa, a de Soult, “De 27 a 30 de Março de 1809 são presas e colocadas fora da capital, com residência fixa, várias pessoas, a maior parte das quais ligadas à Maçonaria e ao Grande Oriente Lusitano, cujo arquivo cai sob a alçada da Polícia” (Ana Cristina Bartolomeu de Araújo, “As invasões francesas e a afirmação das ideias liberais”, in José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, vol. V, Lisboa, 1993, p. 41).

⁵ Os oito volumes da *Correspondência...* organizada por Rocha Martins incluem 4136 páginas de texto, mais 228 de índices gerais. Nos onze volumes do *Quadro Elementar...* publicados pelo visconde contabilizam-se 1845 páginas introdutórias escritas pelo seu punho. Os *Opúsculos e Esparsos...* e os *Inéditos...*, dois dos títulos onde está reunida alguma da sua produção mais dispersa, para cima de 1500 páginas. Ou seja, mais de 7 mil páginas, dispersas por vinte e dois volumes.

com o perfil intelectual de um historiador e de governante, natureza dupla que sempre o terá marcado.

Não surgiram grandes dificuldades no **acesso às fontes, inéditas e impressas**, disponíveis na Coleção Visconde de Santarém ⁽⁶⁾, na Biblioteca Nacional de Lisboa, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e no Arquivo Histórico-Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros. A bibliografia sobre a época e sobre esta figura também é abundante e variada.

Num trabalho académico que se quer (quase) exaustivo, os critérios utilizados na selecção das fontes e bibliografia são, naturalmente, latos. Procurarei não excluir quaisquer visões críticas, caricaturais ou hagiográficas sobre o visconde de Santarém e os seus textos. Antes, integrá-las no contexto mental, político e historiográfico das diversas épocas em que foram produzidas, tomando-as como momentos únicos na construção do mito e da lenda criados à volta desta figura e obra.

A única dificuldade de monta em lidar com fontes e bibliografia residiu em construir, de praticamente tudo o que foi escrito pelo visconde de Santarém e sobre ele dito, uma imagem coerente e facilmente perceptível. Perceber quem foi. **Qual a relevância da sua obra histórica e pensamento político?** Distinguir o mito e a lenda dos factos. Alcançar dados sólidos, cruzar fontes e observar resultados.

Tal como tantos outros nomes sonantes da nossa história, também o visconde atravessou diversos regimes políticos da Monarquia Constitucional e a sua memória continuou a estruturar-se durante a I, II e III Repúblicas, sendo objecto de leituras muito diversas, antagónicas e contraditórias. As evocações e os esquecimentos de cada uma dessas sucessivas sociedades políticas são, por si mesmos, fascinantes, no sentido de que nos transmitem outras tantas facetas da identidade nacional portuguesa, sob a acção da memória e da divulgação históricas.

Foi, pois, necessário distinguir o trigo do joio ideológico e historiográfico. Isolar a figura e a obra da propaganda e do debate à volta da realeza de D. Miguel (1828-1834) e da defesa da prioridade portuguesa no descobrimento da costa africana (de 1840 em diante). E reinserir o visconde no fluxo do conhecimento histórico, não já como mais um “palhaço pobre” vencido, figura de que nos fala António Ventura ⁽⁷⁾,

⁶ Arquivo privado, com documentação familiar, na posse do 4º Visconde de Santarém.

⁷ “Naturalmente que a História é escrita pelos vencedores, cabendo aos vencidos um papel secundário de palhaço pobre, são «o outro» que corporiza todos os vícios e todos os males e que, por isso mesmo,

mas sim como um diplomata, um estadista e um historiador oitocentista, digno adversário de um duque de Palmela ⁽⁸⁾ ou de um Alexandre Herculano. Perceber porque se difundiram **visões tão contraditórias** entre si.

Essa e outras **hipóteses de trabalho** surgem na sequência de um profundo debate, cultural e historiográfico, mantido desde as décadas de 1960/1970 até à actualidade, sobre o século XIX em Portugal. A saber, a historiografia e a divulgação histórica, as ideologias (sobretudo a liberal e contra-revolucionária) e movimentos político-diplomáticos consequentes. É graças ao trabalho estruturante e problematizante de historiadores portugueses como, entre outros, Graça e Sebastião da Silva Dias, Maria de Fátima Bonifácio, Luís Reis Torgal, Armando Malheiro da Silva, Maria Alexandre Lousada, Sérgio Campos Matos e Maria Isabel João que é hoje possível utilizar algumas das conclusões e premissas obtidas no caso do visconde de Santarém.

Os **problemas** analisados e as **hipóteses** lançadas têm, assim, como ponto de partida tal enquadramento científico. Os seus **limites epistemológicos** são os definidos, em meu entender, pelas seguintes premissas, livremente colhidas e moldadas a partir de Maria de Fátima Bonifácio em *Apologia da História Política* (1999⁹): a ciência histórica não deve temer a (re)aproximação às temáticas biográfica e política, cabendo ao historiador, sem grandes preocupações quanto à definição de fronteiras gnoseológicas e de imperialismos intradisciplinares, o papel de buscar saberes de diferente natureza que melhor expliquem a figura, o governo ou o reinado em estudo.

E, partindo de objectos específicos, documental, cronológica e metodologicamente limitados, evocar um pouco da extraordinária complexidade que define os homens e as comunidades humanas, a qual nenhuma ideologia, escola histórica, família política

merece antecipadamente a derrota. Visão simplista esta que justifica a vitória de uns pela posse exclusiva da razão quando, afinal, existem várias razões, e o seu triunfo não se explica, necessariamente, pela justeza dos postulados” (António Ventura, *O Exílio, os Açores e o Cerco do Porto. D. Luís de Sousa Coutinho, Primeiro Marquês de Stª Iria, nas Guerras Liberais*, Lisboa, 2000, p. 7).

⁸ O lusitanista francês G. Le Gentil, no *Bulletin Hispanique*, t. XXII, N° 3, Bordéus e Paris, Julho-Setembro de 1920, p. 218, escreveu que “Jusqu'en 1833, il [le vicomte de Santarem] disputera la victoire à Palmela”.

⁹ Maria de Fátima Bonifácio, *Apologia da História Política. Estudos sobre o século XIX português*, Lisboa, 1999, pp. 7-129.

ou ramo da ciência soube ou pôde reduzir a leis imutáveis e inultrapassáveis. Não buscando uma teorização definitiva infalível e dogmática; antes, constituindo o esforço modesto de reunir materiais e de preparar interpretações que, um dia, possam servir de alicerce a um conhecimento mais alargado das figuras, acontecimentos ou épocas em análise.

No campo específico da presente obra, o da historiografia e ideologia da primeira metade do século XIX, estudados a propósito do 2º visconde de Santarém, tal modéstia de propósitos parece-me bastante válida. Já em 1997 Maria Teresa Mónica se queixava de falta de estudos biográficos sobre as figuras miguelistas (¹⁰); sem que tais estudos surjam, é praticamente impossível perceber um dia o que foi o reinado de D. Miguel ou o movimento miguelista.

Pretendo, assim, estudar uma figura que considero central nos anos de 1828 a 1834, os do reinado de D. Miguel: o visconde de Santarém. Qual o seu papel nessa conjuntura política?

Santarém desempenhou, então, um papel relevante na chamada **Questão Portuguesa**, como ficou internacionalmente conhecida a disputa entre liberais e miguelistas. Mas também em duas outras: a **Questão Ultramarina** e a da transição do que Joaquim Barradas de Carvalho designou como a **história-crónica** para a **história-ciência** (¹¹).

Essa tríplice questão apaixonou uma plêiade de políticos, historiadores e ideólogos oitocentistas em Portugal, entre eles o visconde de Santarém, Alexandre Herculano, o Cardeal Saraiva e José Liberato Freire de Carvalho. Que instituições e ramo da dinastia reinante deveriam imperar? Como legitimar histórica, defender diplomática e desenvolver estrategicamente o que se entendia ser português em África e na Ásia? Que métodos e critérios científicos utilizar nas duas anteriores disputas, internas e externas, de forma a triunfar em polémicas como as das cortes de Lamego ou da prioridade africana?

¹⁰ Maria Teresa Mónica, *Errâncias Miguelistas (1834-43)*, Lisboa, 1997, p. 13: “Escasseiam os dados biográficos acerca do elenco envolvido nas encruzilhadas miguelistas entre 1834 e 1843.” E na página seguinte, falando dos actores políticos da Guerra Civil: “A lamentável falta de ensaios biográficos acerca dos principais intervenientes, ou mesmo de referências mínimas em dicionários e enciclopédias, impede veleidades prosopográficas ou teses ambiciosas.”

¹¹ Joaquim Barradas de Carvalho, *Da História-Crónica à História Ciência*, Lisboa, 1979, 118 pp.

E, em termos específicos, em que critérios se baseou o visconde de Santarém enquanto ministro dos Estrangeiros de D. Miguel, polemista português contra o francês Avezac e historiador crítico de Alexandre Herculano? De que modo participou e contribuiu com algo de original para esse debate? Eis as **questões centrais** a que tentarei responder.

Os principais **conceitos operatórios** que serão utilizados são próprios das temáticas da ideologia e do pensamento histórico, a saber:

- Miguelismo, liberalismo, vintismo;
- Revolução e contra-revolução;
- Tradição e tradicionalismo;
- Nação, nacionalismo e Estado;
- História, historiografia, memória;
- Mito, lenda, ciência.

Os conceitos de liberalismo, vintismo e miguelismo andam estreitamente associados à introdução das ideias políticas parlamentares (conservadoras, revolucionárias e legitimistas) em Portugal. Nasceram de interpretações diferentes do mesmo modelo político, o de um mítico parlamentarismo medieval que as cortes ordinárias e extraordinárias de 1821-23, as do primeiro cartismo em 1826-28 e as de Lisboa de 1828 tentaram personificar. Aliás, não faria sentido entender o miguelismo sem o relacionar com duas vertentes de uma mesma oposição, a do vintismo e a do cartismo.

Revolução e contra-revolução são definições-chaves para vários acontecimentos dos séculos XIX e XX. Movimentos revolucionários em França (1789), Portugal (1820), Rússia (1917) e China (1949) conheceram invariavelmente oposições internas e externas, inflexões e desvios, com frequência atribuídos a imaginárias ou a reais forças contra-revolucionárias. Em Portugal, a Vila-Francada (1823) e a realeza de D. Miguel (1828-1834) são dois exemplos de estratégias, concertadas por coalizações, que triunfaram no sentido de aniquilar a revolução vintista e a monarquia cartista, almejando um regresso político-institucional ao período pré-revolucionário ou pré-constitucional.

Henrique Barrilaro Ruas definiu o tradicionalismo como “Doutrina política que propõe a Tradição como fundamento privilegiado da estrutura e da acção. Ideologia que tem a Tradição como (praticamente) único valor” (¹²). Quanto a tradição, João António Sousa utiliza o radical latino do vocábulo para evocar a ideia de “transmissão constante” (¹³). Tal como tantos outros conceitos, também estes podem ser objecto de leituras conservadoras e progressistas (chegando mesmo a falar-se em tradicionalismo “liberal”, por oposição a contra-revolucionário¹⁴).

A existência ou não do Estado, da nação e de consciência nacionalista no século XIX foi e é alvo de um amplo debate internacional, com uma extensa bibliografia, alguma da qual será aqui analisada. A passagem da Época Moderna para a Época Contemporânea pode ser balizada pelo surgimento dessas estruturas institucionais e políticas e de um consequente discurso político-propagandístico organizado e massificado; critérios tão importantes, afinal, quanto os das revoluções dos últimos duzentos e vinte anos e cinco anos.

Será à volta destes e de outros conceitos que a acção política do 2º visconde de Santarém será abordada. Acção essa que, apesar de limitada no tempo (praticamente aos anos do reinado de D. Miguel), terá tido por detrás um substracto teórico e ideológico mais duradouro.

Tal substracto ideológico e teórico, que se pode resumir como o pensamento histórico da figura em questão, não deverá ser entendido cabalmente sem ser correlacionado com o seu pensamento político.

Aliás, um dos motivos de maior interesse que o século XIX contém, a meu ver, é esse constante fluxo e refluxo de ideias entre a ideologia, de um lado e a ciência e a história, por outro. História-acontecimento, história-discurso (historiografia), povoada pelos mesmos homens que a vivem e a escrevem enxameando-a de interpretações e de leituras muito pessoais, ensinando aos leitores como recordar datas, factos e símbolos.

¹² Henrique Barrilaro Ruas, “Tradicionalismo”, in *Pólis - Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado*, vol. 5, Lisboa, 1987, p. 1246.

¹³ João António de Sousa, “Tradição”, in *Idem*, p. 1243.

¹⁴ Veja-se, por exemplo, António José da Silva Pereira, “Estado de direito e «Tradicionalismo» liberal”, in *Revista da História das Ideias*, vol. 2, Coimbra, 1979, pp. 119-161.

Concedendo à história-acontecimento e à história-discurso roupagens tanto científicas quanto ideológicas, mitológicas (¹⁵) e facciosas, lendárias e pessoais.

Objectivos

Para se conseguir explicar de forma integrada e lógica o percurso intelectual e político do 2º visconde de Santarém, tentar-se-á sistematizar uma série de **problemáticas**, que assim podem ser descritas:

1. Esboçar-lhe um retrato de corpo inteiro – das origens familiares, da saúde, dos interesses intelectuais, das sociabilidades, da produção bibliográfica. Procurar dar dele uma imagem de aristocrata esclarecido, cosmopolita, membro da elite intelectual europeia, não só das décadas de 1830 a 50 (as mais bem documentadas), mas de todo o período de existência adulta. Esses serão os objectivos do **capítulo 1**.
2. Enquadrar uma série de conceitos estreitamente relacionados com as crenças simbólicas e ideológicas do 2º visconde de Santarém: por um lado, interpretar a sua visão da história de Portugal, que privilegiava a longa duração (¹⁶), as ideias de civilização e de identidade portuguesas, de continuidade entre o período da Lusitânia pré-romana e o seu próprio tempo, com base em teses antidecadentistas e numa longa tradição de autores (¹⁷).

Por outro, procurar entender a complexa relação entre a memória lendária daí proveniente e a atitude crítica, herdada dos paleógrafos e diplomatas da Academia das Ciências de Lisboa. Bem como a dualidade entre os conceitos tradicionalista de nação e o liberal Estado-nação. O visconde poderá ter recusado a atitude historiográfica de escorraçar o mito e a lenda da ciência oitocentista por se tratarem de valores e símbolos fundacionais das sociedades de Antigo Regime

¹⁵ A propósito da ritualização de mitos fundacionais, como os das assembleias gerais dos Lusitanos, de Ourique e de Lamego, nos ritos sacralizantes das cortes liberais e tradicionais, *restauradas* em 1820, 1826 e 1828, consulte-se o enquadramento geral de Georges Gusdorf em *Mythe et Métaphisique. Introduction à la Philosophie*, Paris, 1984, 359 pp.

¹⁶ Conceito vulgarizado por Fernand Braudel na obra *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II*, 2 vols., Lisboa, 1983.

¹⁷ Autores esses que iam da antiguidade greco-latina à escola seiscentista de Alcobaça, passando pelos *arqueólogos* e eruditos quinhentistas portugueses.

pós-revolucionárias (e, por extensão, de qualquer sociedade arraigadamente nacionalista), com funções agregadoras. As cortes de Lamego, as duas batalhas de Ourique (¹⁸), a suposta escola de Sagres, as instituições e as navegações dos Lusitanos sobrevivendo até ao Portugal medieval e renascentista: eis alguns dos elementos das tradições míticas, visíveis na obra e anotações pessoais de Santarém (capítulo 2).

3. Percepcionar as raízes da sua ideologia no período de vida anterior à entrada na política activa, desde a época dos acontecimentos da Semana Santa (1809) aos anos finais do reinado de D. Miguel (1833¹⁹). Entender até que ponto o tradicionalismo iluminista e a contra-revolução abraçados não terão sido traços gerais de certos sectores conservadores portugueses, face a vinte e cinco anos de guerras revolucionárias e imperiais europeias (²⁰). Como puderam coexistir, durante cinco anos (1828-33), com os sectores mais radicais e intolerantes da direita político-diplomática sob D. Miguel. E com o liberalismo ordeiro pós-1839 (capítulo 3).
4. Reunir a informação fragmentária disponível sobre a carreira diplomática do visconde e relacioná-la com a entrada na política. Perceber como um jovem que, anos a fio, se preparou para iniciar a dita carreira por mérito próprio a frustrou voluntariamente para melhor servir o seu regente e rei (²¹) enquanto historiador diplomático. Destrinçar, à luz dos modernos conhecimentos técnicos e estruturantes da diplomacia, relações internacionais e jogos de poder, o que de positivo e de negativo teve a sua actuação conjuntural enquanto ministro dos Estrangeiros de D. Miguel. Compreender o papel desempenhado nas diferentes

¹⁸ “o Campo de Ourique, depois tão famoso [em 1139], foi antes tinto com o sangue Romano e alastrado de cadáveres desta soberba nação e lá perdeu a vida Cláudio Unimano” diante de Viriato, em 146 a.C. (visconde de Santarém, *Quadro Elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potencias do mundo...*, vol. I, Paris, 1842 (2ª ed.; 1ª ed. 1828), p. VIII).

¹⁹ Apesar de se manter como ministro titular dos Negócios Estrangeiros de D. Miguel até meados de Maio de 1834, o visconde de Santarém foi afastado da direcção dos negócios diplomáticos em Agosto de 1833, deixando, na prática, de exercer qualquer influência política directa e imediata sobre a governação miguelista. Daí que se utilize, ao longo desta tese, o ano de 1833 como o último em que Santarém foi politicamente activo.

²⁰ Período esse que coincidiu com quase todo o primeiro quartel da existência do visconde de Santarém.

²¹ D. João VI.

polémicas diplomáticas com Paris e Londres sobre territórios ultramarinos. Percepcionar, ainda, quão original foi o seu contributo para a elaboração de uma obra de história diplomática portuguesa, ao mesmo tempo interpretativa e assente em base documental (**capítulo 4**).

5. No **capítulo 5** estudar-se-ão as complexas relações entre historiografia dos descobrimentos, pensamento político e nacionalismo na obra deste historiador; as polémicas luso-francesas acerca da prioridade dos descobrimentos africanos e da ciência náutica europeia; e os contributos do visconde de Santarém para o conhecimento histórico, geográfico e cartográfico dos descobrimentos europeus.
6. Seguir-se-á a **conclusão**, síntese final para a complexa questão de quem foi o 2º visconde de Santarém político e historiador.

Conclusão

I. No decurso da elaboração da presente obra foram surgindo alguns **conceitos originais** no pensamento histórico e acção política do 2º visconde de Santarém, conceitos esses possivelmente válidos para novas utilizações sectoriais do conhecimento específico acumulado. A saber, os de história; de política; de nação; de sistema.

Na **História**, o visconde de Santarém viu uma concepção tripartida: de memória, método e regeneração. Através da recuperação da memória humana (e sobretudo nacional), mediante a publicação e salvaguarda de documentos, objectos do chamado método histórico, as sociedades políticas poder-se-iam auto-perpetuar indefinidamente. Enquanto houvesse povo português (descendente directo do lusitano) e um governo capaz de o incitar à união, através dos exemplos heróicos do passado, a nação sobreviveria e auto-regenerar-se-ia (⁵⁶⁸). É evidente, na obra do visconde, a existência de uma utilização pragmática da História da Diplomacia, das Cortes e dos Descobrimentos, ao serviço do Estado e da nação.

O papel da **política** seria, assim, fundamental, religando a nação e o Estado, o rei e a tradição, as instituições e a memória. Fazer parte de um gabinete (⁵⁶⁹) significaria, para Santarém, defender a pátria com as armas da inteligência e da moderação, tanto interna como externamente – na governação, mas também na diplomacia e na história. Civilizar os povos publicando-lhes os documentos históricos seria uma das mais

⁵⁶⁸ Daí a importância, em Portugal e França, de documentalistas, historiadores e políticos como Thierry, Mignet, Guizot, visconde de Santarém e Alexandre Herculano.

⁵⁶⁹ Expressão política de origem italiana, que o visconde de Santarém utilizava para Portugal.

prestigiadas obras a que um servidor da nação se poderia acometer. Assim como a de “comprimir” as facções desavindas (⁵⁷⁰), reunindo-as à volta do monarca legítimo.

Falar de **nação** era evocar uma antiquíssima tradição política, velha de quase 2500 anos (⁵⁷¹), *referendada* pelos povos que se revoltavam contra os invasores estrangeiros desde, pelo menos, o tempo dos Fenícios. Para Santarém, já então a civilização lusitana constituiria uma realidade insofismável, a qual brilharia altíssimo na época dos descobrimentos, quando a ideia imperial de Portugal se sobreporia às das demais memórias dos feitos de Fenícios, Gregos, Persas e Romanos. O papel dos regimes em relação à nação seria sempre o de recuperarem do passado o que de mais genuíno existisse na identidade nacional – moldando os documentos *constitucionais* aos ventos da História, sem, contudo, nunca os descaracterizar. Daí que a Monarquia Constitucional portuguesa de 1826-1827 fosse, mais do que tudo, uma nova modalidade das velhas instituições indígenas: aceitável, portanto, para o visconde (⁵⁷²). Nacionalismo e glória nacional andariam sempre juntos com a afirmação do país no concerto dos povos. Para benefício de um Estado que Santarém servia na burocracia, na ideologia, na diplomacia e na historiografia.

Quanto a **sistema**, este constituirá a pedra de fecho da abóboda. Homem para quem nada do que fosse humano deixaria de o interessar, à boa moda clássica, o visconde de Santarém via no entrecruzamento dos estudos a que se entregava o reflexo abrangente das suas concepções ideológicas. No executivo régio, deveriam estar presentes as elites aristocráticas, garantes da legitimidade constitucional desde tempos imemoriais. Nas cortes tradicionais portuguesas viveriam as velhas tradições electivo-militares dos Lusitanos. Sociedade, instituições, política e diplomacia necessitariam, pois, de existir à luz da sabedoria acumulada por centenas de gerações, tal como o defendia Edmund Burke. Haveria que repelir e expurgar da vida das sociedades, das nações e dos Estados tudo o que fosse desorganizador, revolucionário, imoderado, como sucedia

⁵⁷⁰ Conceito empregue na *Correspondência...*, *Op. cit.*, vol. II, p. 229 (“Declaração sobre as Negociações que tenho tratado desde o princípio do meu Ministério até fins de Fevereiro de 1829 no espaço de um ano”, de 1829).

⁵⁷¹ Segundo o visconde, nos costumes e tradições de liberdade peninsulares e lusitânicos residiria o essencial do espírito *constitucional* das cortes de Lamego.

⁵⁷² Atitude diferente, mas não antagónica, da aceitação do que as cortes de Lisboa, em 1828, decidiram sobre a reinstauração do modelo tradicional da monarquia portuguesa. Segundo Santarém, ambos os casos estavam previstos e de acordo com as antiquíssimas práticas políticas vigentes em Portugal.

com as facções designadas por “democrática” e “ultra-realista” (⁵⁷³). A história das grandes civilizações humanas dar-se-ia a conhecer pelo estudo integrado das constituições, das instituições políticas, do Direito Público Convencional, do comércio e das colónias, tal como o visconde procurou fazer quanto a Portugal.

Este historiador **recusou** conceitos como o de **decadência**, pois a história dos impérios e das civilizações estaria, toda ela, por elaborar (como se julgava e procurava concretizar no século XIX) e nunca deveria ser sujeita aos caprichos das facções historiográficas e políticas.

O **documento**, base da civilização moderna, era afirmado como o farol da história, fazendo com que a luz irrompesse por entre as trevas dos interesses particulares das minorias, evitando o naufrágio da nau do Estado contra os recifes do egoísmo sectário.

A sistematização do conhecimento humano; a sua preservação em grandes corpos documentais; a compilação da sabedoria política em constituições escritas outorgadas ou em memórias analíticas e documentais; e a defesa da moderação face a radicalismos: eis as **tarefas fundamentais para a sobrevivência da nação, do Estado e da civilização portuguesas**.

Para o visconde, os interesses permanentes do Estado e da nação guiariam idealmente a história e a política. A filosofia da história, a História das Instituições e da Literatura à maneira de Savigny, Magnin ou Schlegel, bem como a Geografia e a Cartografia, enquanto reflexos da obra portuguesa no mundo, radicavam numa concepção cosmopolita da Filosofia, da Cultura, da História, da Ciência e da Literatura, sem barreiras nacionais e linguísticas. Daí que D. Dinis e D. Duarte (⁵⁷⁴), Camões ou Gama fossem vistos como figuras imensas da humanidade, grandes homens portugueses que simbolizam e condensam em si arquétipos da vastidão da alma humana.

⁵⁷³ O visconde fala em “dois Partidos [...] o que sustentava a influência Democrática [...] e o ultra-realista” nas *Memórias Verídicas...*, *Op. cit.*, maço 10º, f. 32.

⁵⁷⁴ *Idem, Opúsculos e Esparsos...*, *Op. cit.*, vol. II, pp. 377 e 380-82 (e n. 6).

II. Em definitivo, o pensamento histórico e a acção política do visconde de Santarém são inseparáveis.

Nele, não se pode conceber uma dualidade historiador/político. Antes, dever-se-á falar, relativamente à obra, numa dialéctica historiografia/ideologia. Vejamos como. De uma forma geral, o recurso ao método histórico, tão frequente na filosofia política do conservadorismo, resulta de uma visão historicista e conduz ao conceito de constituição histórica (⁵⁷⁵). As raízes conservadoras da historiografia de Santarém alimentam-se do mesmo solo que a ideologia conservadora, quando assente numa base histórica e documental. No visconde, a “**filosofia conservadora da história**” (⁵⁷⁶) é complementada por uma **filosofia política conservadora**, isto é, por uma abordagem histórica da realidade social.

Este autor entregou-se, em geral, ao estudo das ciências morais e políticas (⁵⁷⁷) e da história, constitucional e convencional, das leis. Daí a fonte inesgotável de sapiência que, para a política, constituiria a arqueologia. Esta, ao resgatar do esquecimento os monumentos e os documentos, esboçaria um conservadorismo telúrico e sacralizado – “*tout est enchaîné dans la terre*”, como escreveu o visconde de Santarém (⁵⁷⁸). O aferro das populações ao solo, aos costumes, às instituições, em suma, à civilização, seriam as razões explicativas da identidade humana e da evolução histórica (e não qualquer espécie de providencialismo jusdivinista ou jusracionalista).

Tal como a diplomática, a política teria as suas regras precisas. Havia que denunciar tanto os falsários da ciência, de que Santarém falava a propósito de Vespúcio, quanto os da ideologia – ambos sofistas (⁵⁷⁹).

Também não se poderá falar com propriedade em binómios historiador/geógrafo e diplomata/político, no caso do visconde. Na realidade, terá sido antes um historiador/diplomata/político/geógrafo, numa combinação de características presentes em Montesquieu (“o Patriarca dos Publicistas”), em Burke (“o profeta [...]

⁵⁷⁵ Conceitos retirados de Robert Nisbet, *O Conservadorismo*, Lisboa, 1987, pp. 52 e 54.

⁵⁷⁶ Idem, *Idem*, p. 51.

⁵⁷⁷ Ou leis morais e convencionais da política.

⁵⁷⁸ Visconde de Santarém, *Opúsculos e Esparsos...*, *Op. cit.*, vol. I, p. 198.

⁵⁷⁹ Idem, *Estudos de Cartografia Antiga...*, *Op. cit.*, vol. II, pp. 245 e ss. e Idem, *Inéditos...*, *Op. cit.*, p. 177.

do conservadorismo”), em K.W.F. Schlegel, em Ranke, em Savigny e em Peel (o fundador de um *novo partido conservador inglês*⁵⁸⁰).

Para Edmund Burke, “a verdadeira Constituição dos povos é a história das suas instituições” – representativas, acrescentaria (porventura) o visconde. Para Montesquieu, “citado por Santarém, *Point de Noblesse, point de Monarchie, point de Monarchie, point de Noblesse*” (⁵⁸¹). A história de Portugal, das cortes, da política de gabinete, da diplomacia e dos descobrimentos era, afinal, a da monarquia e a da aristocracia. Daí que se possa falar, no caso do visconde de Santarém, em um tradicionalismo aristocrático, constitucional, convencional, historicista, nacionalista e estatista, tanto triunfalista quanto ponderado.

A sua origem foi:

- o Estado português e a ideologia conservadora, ordeira e legalista que lhe era subjacente;
- a práxis social hierarquizada da corte, dos corpos sociais e da diplomacia;
- a prática burocrática e administrativa difundida nas estruturas domésticas e políticas das Casas Régia, da Rainha, do Infantado e de Bragança;
- a práxis judicial da magistratura e dos tribunais;
- a norma diplomática, firmada nas convenções com outros Estados;
- a formação de aristocratas e de funcionários nos estudos menores e no Colégio dos Nobres, na aula de diplomática da Torre do Tombo e nos cursos particulares ministrados em casas nobiliárquicas;
- o discurso nacionalista e dinástico da gazeta oficial, do cronicado do reino, das publicações documentais e analíticas produzidas pela Academia das Ciências;
- o labor documental e historiográfico da Torre do Tombo (que Santarém dirigiu), memória viva e quase sagrada das tradições do Estado, dos deveres e privilégios dos corpos sociais e dos feitos da nação;
- o trabalho político-institucional desenvolvido pelo visconde de Santarém nos ministérios do Reino e Negócios Estrangeiros, enquanto responsável pela segurança pública e pelas relações exteriores;

⁵⁸⁰ Idem, *Memórias Verídicas...*, *Op. cit.*, maço 5º, f. 13 e Robert Nisbet, *Op. cit.*, pp. 14, 16 e 19.

⁵⁸¹ Robert Nisbet, *Idem*, p. 53 e visconde de Santarém, *Idem*, ff. 13-14.

- e, por fim, o percurso do visconde por instituições ao serviço da cultura nacional e dos interesses da nação e do Estado, em Portugal e França: a Academia das Ciências de Lisboa, o Instituto de França e a Sociedade de Geografia de Paris.

Fontes e Bibliografia

1. Fontes

1.1. Fontes manuscritas

A) Colecção Visconde de Santarém ⁽⁵⁸²⁾

- Diplomas de João Diogo de Barros Leitão e Carvalhosa, futuro 1º visconde de Santarém, de sócio correspondente e livre da Academia Real das Ciências de Lisboa (datados de 7 de Julho de 1806 e de 28 de Fevereiro de 1810).
- SANTARÉM, 2º visconde de, *Memórias Verídicas do meu Ministério durante os 3 Meses que o Exerci*, 1827, 607 folhas.
- _____, cartas de 16 de Agosto e de 19 de Novembro de 1827 para o 3º conde de Rio Maior.
- _____, “1835-1845. Lista das obras que tenho publicado depois da minha saída de Portugal”, 9 folhas.

B) Arquivo Nacional da Torre do Tombo

- *Livro de Índices da Mordomia da Casa Real*, B. 9/13.
- SANTARÉM, 2º visconde, Manuscritos da Livraria (ANTT/MLTT), vols. 16, 19-28, 30-40, 42-43, 56 e 971. Trata-se de parte da colecção de livros de apontamentos apreendidos em Lisboa em 1833.

⁵⁸²

Arquivo privado, com documentação familiar, na posse do 4º Visconde de Santarém.

C) Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa

- *Manuscritos Azuis* números 1543-1555 (⁵⁸³).

D) Biblioteca Pública de Évora

- SANTARÉM, 1º visconde de, carta de 5 de Fevereiro de 1806 para Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas (Manuscritos CXXVII, 1-11, 52, f. 313).

1.2. Fontes impressas**A) Obras de carácter geral**

- AMARAL, António Caetano do, *Memória V. Para a História da Legislação e Costumes de Portugal*, 1945 (1ª ed. *Memórias de Literatura Portuguesa...*, tomos VI, Parte II e VII, 1796 e 1806).

- CARVALHO, José Liberato Freire de Carvalho, *Ensaio histórico-político sobre a constituição e governo do reino de Portugal; onde se mostra ser aquele reino, desde a sua origem, uma monarquia representativa: e que o absolutismo, a superstição, e a influência da Inglaterra são as causas da sua actual decadência; por...* Paris, Em Casa de Hector Bossange/Na Oficina Tipográfica de Casimir, 1830.

- _____, *Memórias com o Título de Anais, para a História do Tempo que durou a Usurpação de D. Miguel*, vol. IV, Lisboa, 1843.

- GARRETT, João Baptista da Silva Leitão de Almeida, *Portugal na Balança da Europa*, Lisboa, Livros Horizonte, s.d. (ed. orig. 1830).

- HERCULANO, Alexandre, *Opúsculos* (edição crítica. Organização, introdução e notas de Jorge Custódio e José Manuel Garcia), vol. IV, s.l., Editorial Presença, 1985, pp. 129 (“[*Curriculum* de Herculano na Academia]”, ed. orig. 1853), 191-96, 197-99 (“*Cartas sobre a História de Portugal*”, 1842) e 339-44 (ed. orig. “*Arqueologia*

⁵⁸³ Consistem em verbetes e documentos para o *Quadro Elementar...*, que vieram de Paris em 1857.

Portuguesa”, 1841-43).

- **HUMBOLDT**, Alexander von, *Histoire de la géographie du nouveau continent et des progrès de l'astronomie nautique aux XV^e et XVI^e siècles comprenant l'histoire de la découverte de l'Amérique. Ouvrage écrit en Français par... publié en 1836, 1837, 1838 et 1839...*, vol. I, Paris, s.d.
- **PALMELA**, Duque de, *Despachos e Correspondência do... coligidos e Publicados por J. J. dos Reis e Vasconcelos*, vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1854.
- **RIBEIRO**, João Pedro, *Dissertações Cronológicas e Críticas sobre a História e Jurisprudência Eclesiástica e Civil de Portugal...*, tomo IV, Parte I, Lisboa, Imprensa da Academia das Ciências de Lisboa, 1867 (1ª ed. 1819).
- _____, José Silvestre, *História dos Estabelecimentos Científicos, Literários e Artísticos de Portugal, nos Sucessivos Reinados da Monarquia*, Lisboa, Tipografia da Academia Real das Ciências, vol. II, 1872.
- *Carta Constitucional da Monarquia Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Régia, 1826.

B) Publicações periódicas

- *Bulletin de la Société de Géographie*, Paris, 1835-44, 1846-56 e 1875.
- *O Campeão Português ou o Amigo do Rei e do Povo*, Londres, 1821.
- *Crónica Constitucional de Lisboa*, Lisboa, 1833.
- *Diário do Governo*, Lisboa, 1842 e 1845.
- *Gazeta de Lisboa*, Lisboa, 1827 e 1832.
- *Nouvelles Annales des Voyages*, Paris, 1840-43, 1845, 1846, 1848 e 1855.

C) Obras de natureza generalista, com referências ao 2º visconde de Santarém

- **AVEZAC** (Marie-Armand-Pascal d'Avezac de Castera-Macaya), “Les Iles Fantastiques de l'Océan Occidental, au moyen-âge; fragment inédit d'une Histoire des Iles de l'Afrique”, *Nouvelles Annales des Voyages*, 5ª série, Paris, 1845, vols. 105, t. 1, pp. 293-306, e 106, t. 2, pp. 47-62.
- _____, “Notice des Découvertes faites au moyen-âge dans l'Océan Atlantique

antérieurement aux grandes explorations portugaises du quinzième siècle”, *Nouvelles Annales des Voyages*, 5ª série, Paris, vols. 108, 1845, t. 4, pp. 20-58; 109, 1846, t. 1, pp. 68-85 e 277-298 e 110, 1846, t. 2, pp. 149-162.

- **BALBI**, Adrien, *Éssai Statistique sur le Royaume de Portugal et d' Algarve...*, tomo segundo, Coimbra, Imprensa Nacional/Casa da Moeda-Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2004 (reimpressão fac-similada da edição de Paris de 1822).

- **BENSAÚDE**, Joaquim, *Les Légendes Allemandes sur l'histoire des Découvertes Portugaises*, 1ª parte, Genebra, Imprimerie A. Kundig, 1917-20.

- **CARVALHO**, José Liberato Freire, *Ensaio Político sobre as Causas que Prepararam a Usurpação do Infante D. Miguel no Ano de 1828, e com ela a Queda da Carta Constitucional do ano 1826*, Lisboa, Imprensa Nevesiana, 1840.

- _____, *História de Portugal Popular e Ilustrada*, vol. VI, Lisboa, Empresa da História de Portugal, 1902 (3ªedição).

- **FERRÃO**, António, *Reinado de D. Miguel. O Cerco do Porto (1832-1833)*, Lisboa, Comissão de História Militar, 1940.

- **FRANQUEVILLE**, Conde de, *Le Premier Siècle de L'Institut de France (25 Octobre 1795-25 Octobre 1895)*, 2 vols., Paris, Instituto de França, 1896.

- **FRONTEIRA**, Marquês de, *Memórias do... e d'Alorna, D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto, Ditadas por Ele Próprio em 1861...*, Parte III, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986 (reimpressão fac-similada da ed. de Coimbra de 1928).

- **LAVRADIO**, Conde de, *Memórias do... Revistas e Coordenadas por Ernesto de Campos de Andrade*, vols. II e V, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933 e 1937.

- **MARTINS**, Joaquim Pedro de Oliveira, *Portugal Contemporâneo*, 2 vols., Porto, Lello & Irmãos Editores, 1981 (1ª ed. 1881).

- **SANTOS**, Clemente José dos, *Documentos para a História das Cortes Gerais da Nação Portuguesa*, vols. I a IV, VI e VIII, Lisboa, Imprensa Nacional, 1883, 1884, 1885, 1887, 1889 e 1891.

- **SARDINHA**, António, *Teoria das Cortes Gerais*, Lisboa, Edição de Ana Júlia Sardinha, 1975 (2ª ed. autónoma; 1ª ed. aut., 1925).

- **SIEBERTZ**, Paul, *Dom Miguel e a sua Época. A Verdadeira História da Guerra*

Civil, s.l., ACTIC, 1986.

- **SORIANO**, Simão José da Luz, *História da Guerra Civil e do Estabelecimento do Governo Parlamentar em Portugal. Compreendendo a História Diplomática, Militar e Política deste Reino desde 1777 a 1834 por...*, 3ª Época, tomos II-IV e VI, Lisboa, Imprensa Nacional, 1882 e 1884.

- **WALTON**, William, *A Letter addressed to Sir James Mackintosh*, Londres, John Richardson, 1829.

- *Diário de Ribeiro Saraiva (1831-1888)*, tomo I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1915.

- *Obras Completas de Almeida Garrett*, vol. 8, Lisboa, Editorial Estampa, 1992.

D) Obras do 2º visconde de Santarém ⁽⁵⁸⁴⁾

I) Obras em geral

- **SANTARÉM**, 2º visconde de, *Memórias para a História, e Teoria das Cortes Gerais, que em Portugal se celebraram pelos Três Estados do Reino, ordenadas e compostas neste ano de 1824*, 2 vols, Lisboa, Imprensa Régia, 1827.

- _____, *Quadro Elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potências do mundo, desde o princípio da monarquia portuguesa até aos nossos dias*, 1 vol., Lisboa, 1828, vols. I a VIII e XIV-XV, Paris, Em Casa de J. P. Aillaud/Na oficina Tipográfica de Fain & Thunot, 1842-54.

- _____, *Corpo Diplomático português, contendo todos os tratados de paz, de aliança, de neutralidade, de trégua, de comércio, de limites, de ajustes de casamentos, de cessões de territórios e outras transacções entre a coroa de Portugal e as diversas potências do mundo, desde o princípio da monarquia até aos nossos dias*, 1 vol., Paris, Em Casa de J. P. Aillaud/ Na oficina Tipográfica de Fain & Thunot, 1846.

- _____, *Éssai sur l'histoire de la cosmographie et de la cartographie pendant le moyen-âge et sur les progrès de la géographie après les grandes découvertes au XV siècle, pour servir d'introduction et d'explication à l'atlas composé de mappemondes*

⁵⁸⁴

Veja-se a descrição exhaustiva da sua bibliografia activa no Apêndice Documental II.

et de portulans, et d'autres monuments géographiques, depuis le VIe siècle de notre ère jusqu'au XVIIe, 3 vols., Paris, Imprimerie Maulde et Renou, 1849-52.

- _____, *Opúsculos e Esparsos. Coligidos e coordenados por Jordão de Freitas e novamente publicados pelo 3º Visconde de Santarém*, 2 vols., Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1910.

- _____, *Inéditos (miscelânea), coligidos, coordenados e anotados por Jordão de Freitas (bibliotecário da Biblioteca da Ajuda) e trazidos à publicidade pelo 3º Visconde de Santarém*, Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1914.

- _____, *Estudos de Cartografia Antiga* (editados com notas de Aires de Sá), Lisboa, vol. I, Alfredo Lamas, Mota e C^a, 1919, vol. II, Imprensa Portugal-Brasil, Lda., 1920.

- FRANÇA, José-Augusto, *Cartas do 2º Visconde de Santarém Ministro de D. Miguel ao Enviado em Londres 6º Visconde de Asseca (1828-1831)*, separata dos *Anais da Academia Portuguesa de História*, II Série, vol. 29, Lisboa, 1984.

- SANTARÉM, 2º visconde de, introdução a Gomes Eanes de Zurara, *Crónica do Descobrimento e Conquista da Guiné (com nota introdutória, actualização de texto e notas de Reis Brasil)*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1989 (1ª ed. Paris, 1841).

II. Correspondência

- _____, *Correspondência do... Coligida, coordenada e com anotações de Rocha Martins (da Academia das Ciências de Lisboa). Publicada pelo 3º Visconde de Santarém*, 8 vols., Lisboa, Alfredo Lamas, Mota e C^a, Editores, 1918-19.

III. Livraria pessoal

- _____, *Catálogo da Terceira Livraria do 2º Visconde de Santarém* (com uma introdução de António Baião), Lisboa, Alfredo Lamas, Mota e C^a, Editores, 1918.

- *Miscelânea que Pertenceu ao Visconde de Santarém*, 4 tomos, Biblioteca Nacional de Lisboa.

E) Sobre o 1º visconde de Santarém

- **CONCEIÇÃO**, Frei Cláudio da, *Oração fúnebre recitada nas solenes exéquias do Ilm.º e Exm.º Senhor Visconde de Santarém João Diogo de Barros Leitão e Carvalhosa celebradas no Convento de São Pedro de Alcântara aos 17 de Fevereiro de 1818. Que aos seus Amigos Oferece...*, Lisboa, Imprensa Régia, 1818.

F) Estudos sobre o 2º visconde de Santarém

- **ALBUQUERQUE**, Martim de, prefácio a *Atlas du vicomte de Santarém. Édition fac-similée des cartes définitives, organisée... par...*, Lisboa, Administração do Porto de Lisboa, 1989, pp. 1-4.

- _____, “Introdução”, in *Vicomte de Santarém, Recherches sur la priorité... et Éssai... Édition fac-similée, organisée et avec une préface par...*, Sous les Auspices de la Commission Nationale pour les Commémorations des Découvertes Portugaises, Lisboa, Administração do Porto de Lisboa, 1989, pp. 1-17 (reed. como “O Visconde de Santarém. O Homem e a Obra (A propósito de uma reedição)” in *Idem, Estudos de Cultura Portuguesa*, 3º vol., Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2002, pp. 419-439).

- **BAIÃO**, António, *O Visconde de Santarém como Guarda-Mor da Torre do Tombo*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1909.

- _____, *O Visconde de Santarém como Guarda-Mor da Torre do Tombo (Aditamento)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1910.

- **CAMPOS**, Fernando, “O Visconde de Santarém Mestre do Nacionalismo Português”, in *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. VIII, 1943, pp. 87-126.

- **CAVALHEIRO**, Rodrigues, “O Visconde de Santarém. Grande sábio e grande Português”, *Diário da Manhã*, 18 de Novembro de 1941.

- **CORTESÃO**, Armando, *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos séculos XV e XVI (contribuição para um estudo completo)*, vol. II, Lisboa, Edição da “Seara Nova”, 1935.

- _____, *História da Cartografia Portuguesa*, vol. I, Lisboa, Junta da Investigação Ultramarina, 1969.

- **FONSECA**, Martinho Ferreira da, *Visconde de Santarém – Apontamentos para a sua Biografia*, Lisboa, Tipografia do Anuário Comercial, 1907.
- **FREITAS**, Jordão de, *O 2º Visconde de Santarém e os seus Atlas Geográficos por... (Estudo publicado pelo actual Visconde de Santarém)*, Lisboa, Oficina Tipográfica, 1909
- **MATOS**, José Sarmiento de, *Uma Casa na Lapa*, Lisboa, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento/Quetzal Editores, 1994.
- **PEREIRA**, Ângelo, “A Vocação Diplomática do 2º Visconde de Santarém”, *Ocidente*, vol. XVI, nº 47, Março de 1942, pp. 339-43.
- **PIMENTA**, Alfredo, “O Visconde de Santarém”, *A Voz* de 18 de Novembro de 1941, p. 4.
- **PROTÁSIO**, Daniel Estudante, *Historiografia e Ideologia na obra do 2º Visconde de Santarém (1791-1856)*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tese de dissertação de mestrado, 1999 (texto policopiado), 219 pp.
- _____, *Acção e Pensamento Políticos do 2º Visconde de Santarém (1826-1828)*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, proposta de capítulo para tese de doutoramento, Novembro de 2003 (texto policopiado), 60 pp.
- _____, *Acção e Pensamento Políticos do 2º Visconde de Santarém (1828-1834)*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, proposta de capítulo para tese de doutoramento, Julho de 2004 (texto policopiado), 90 pp.
- _____, *A propósito dos 150 anos da morte do 2º visconde de Santarém: métodos, desinformação e mitos*, Lisboa, conferência proferida a 18 de Janeiro de 2006 na Casa Veva de Lima, por ocasião dos 150 anos da morte daquela figura, 2006 (texto policopiado), 14 pp.
- **SALDANHA**, António Vasconcelos de, *A “Memória sobre o estabelecimento dos portugueses em Macau” do Visconde de Santarém (1845). Os primórdios da discussão da legitimidade da presença dos portugueses em Macau*, Macau, Instituto Português do Oriente, 1995.
- **SÃO PAIO**, conde de, “O Visconde de Santarém Diplomata. Para a História Diplomática do reinado de D. Miguel”, in *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos*

Portugueses, vol. VII, Lisboa, 1943, pp. 49-83.

- *Atlas de Santarém. Facsimile of the final edition. With explanatory texts by Dr. Hellen Walls and Drs. [sic] A.H. Sijmons*, Amesterdão, Rudolf Muller, 1985, pp. 5-42.

2. Bibliografia

2. 1. Obras de referência

- **FONSECA**, Martinho Ferreira da, *Aditamentos ao Dicionário Bibliográfico Português de Inocêncio Francisco da Silva por...*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1972 (vol. XXIV do *Dicionário...*).

- **PEREIRA, ESTEVES E RODRIGUES, GUILHERME**, *Portugal – Dicionário histórico, corográfico, biográfico, bibliográfico, heráldico, numismático e artístico... por...*, vol. VI, Lisboa, João Romano Torres e C^a - Editores, 1912.

- **SERRÃO**, Joel (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1989, 6 vols. (1^a ed. em 6 vols., 1975-78).

- **SILVA**, Inocêncio Francisco da e **ARANHA**, Pedro Venceslau Brito; *Dicionário Bibliográfico Português*, vols. I-VII, IX, XII, XVI e XVII, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858-1894.

- **SOARES**, Ernesto, *Guia Bibliográfica*, integrada no *Dicionário Bibliográfico Português...* de Inocêncio, vol. XXIII, Lisboa, 1972 (reed. fac-similada da ed. de 1958), suplemento ao *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XXIII.

- **ZÚQUETE**, Afonso Eduardo Martins (dir., coord. e compil.), *Nobreza de Portugal*, vols. II e III, Lisboa, Editorial Enciclopédia, 1960-61.

- *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vols. 2º, 10º e 15º, Lisboa, Editorial Verbo, 1965, 1970 e 1988.

2.2. Obras de carácter geral

- **ARIÈS**, Philippe e **DUBY**, Georges (dir.), *História da Vida Privada*, vol. 3, Lisboa, Edições Afrontamento, 1990.

- **BRAGA**, Teófilo, *História da Universidade de Coimbra nas suas relações com a*

instrução pública portuguesa por..., tomo IV, Lisboa, Tipografia da Academia Real das Ciências, 1902.

- **BRANDÃO**, Fernando de Castro, *História Diplomática de Portugal (uma cronologia)*, Lisboa, Livros Horizonte, 2002.
- **MADELÉNAT**, Daniel, *La Biographie*, Paris, P.U.F., 1984.
- **MARTINEZ**, Pedro Soares, *História Diplomática de Portugal*, s.l., Editorial Verbo, 1992 (2ª edição, sem indicação da data da primeira).
- **MATTOSO**, José, *História de Portugal*, vols. I e III-V, s.l., Círculo de Leitores, 1992-93.
- **MAUROIS**, André, *Aspects de la Biographie*, Paris, Au Sans Pareil, 1928 (9ª edição).
- **MEDINA**, João (dir.), *História de Portugal (Dos tempos pré-históricos aos nossos dias)*, vols. VIII e IX, Amadora, Clube Internacional do Livro, s.d..
- **PERES**, Damião, *História de Portugal (Edição Monumental)*, vols. VI e VII, Barcelos, Portucalense Editora, 1934 e 1935.
- **SARAIVA**, António José e **LOPES**, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, s.d. (16ª edição, corrigida e actualizada; 1ª ed. 1955).
- **SERRÃO**, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, vol. VI, Lisboa, Editorial Verbo, 1990 (2ª edição, revista; 1ªed. 1981).
- **SERRÃO**, Joel e **MARQUES**, António Henrique de Oliveira (dir.), *Nova História de Portugal*, vol. IX, Lisboa, Editorial Presença, 2002.

2.3. Portugal no tempo do 2º visconde de Santarém

- **AGUILAR**, Manuel Busquets de, *O Real Colégio dos Nobres (1761-1837)*, Lisboa, Tipografia da Cadeia Penitenciária de Lisboa, 1935.
- **BONIFÁCIO**, Maria de Fátima, *Seis Estudos sobre o Liberalismo Português*, s.l., Editorial Estampa, 1996.
- **BRISSOS**, José, *A Insurreição Miguelista nas Resistências a Costa Cabral (1834-1847)*, Lisboa, Edições Colibri, 1997.
- **CARVALHO**, Rómulo de, *A História Natural em Portugal no Século XVIII*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.

- CASTRO, Zília Osório de, *Dicionário do Vintismo e do primeiro Cartismo (1821-1823 e 1826-1828)*, 2 vols., Lisboa/Porto, Assembleia da República/Edições Afrontamento, 2002.
- DIAS, Graça e José Sebastião da Silva, *Os Primórdios da Maçonaria em Portugal*, vol. I, t. II, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986 (2ª edição).
- DOMINGUES, Mário, *Liberais e Miguelistas. Evocação Histórica*, Lisboa, Livraria Romano Torres, 1974.
- FRANÇA, José-Augusto, *O Romantismo em Portugal (Estudo de Factos socioculturais)*, Lisboa, Livros Horizonte, 1993 (1ª ed. 1974).
- HESPANHA, António Manuel, “O projecto institucional do tradicionalismo reformista: um projecto de Constituição de Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato (1823)”, in Miriam Halpern Pereira e outros (org.), *O Liberalismo na Península Ibérica na primeira metade do século XIX*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editores, 1982, pp. 63-90.
- LEAL, João, *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000.
- LIMA, Manuel de Oliveira, *Dom Pedro e Dom Miguel. A Querela da Sucessão (1826-1828)*, São Paulo, Companhia Melhoramentos de São Paulo, s.d..
- _____, *D. Miguel no Trono (1828-1833). Obra póstuma prefaciada por Fidelino de Figueiredo*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933.
- _____, *D. João VI no Brasil (1808-1821)*, vol. I, Rio de Janeiro/São Paulo, 1945 (2ª edição).
- LOUSADA, Maria Alexandre, *O Miguelismo (1828-1834). O Discurso Político e o Apoio da Nobreza Titulada*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, 1987 (texto policopiado).
- _____ e FERREIRA, Maria de Fátima Sá e Melo, *D. Miguel*, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2006.
- MACEDO, Jorge Borges de, «Estrangeirados», *um conceito a rever*, Braga, 1974, separata da revista *Bracara Augusta*, vol. XXVIII, 30 pp.
- MARTINS, J., RANGEL, R. e SANTIAGO, A., “Projecto institucional do tradicionalismo reformista: a crítica da legislação vintista pela Junta de Revisão das Leis”, in Miriam Halpern Pereira e outros (org.), *O Liberalismo na Península Ibérica*

na primeira metade do século XIX, *Op. cit.*, pp. 155-72.

- **MÓNICA**, Maria Teresa, *Errâncias Miguelistas (1834-43)*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997.
- **MONTEIRO**, Nuno Gonçalo, *O Crepúsculo dos Grandes. A casa e o património da aristocracia em Portugal (1750-1832)*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1998.
- **PASSOS**, Carlos de, *D. Pedro IV e D. Miguel I. 1826-1834*, Porto, Livraria Simões Lopes, 1936.
- **PEREIRA**, Ângelo, *D. João VI Príncipe e Rei*, vols. I e III, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1953 e 1956.
- **PEREIRA**, Sara Marques, *D. Carlota Joaquina e os “Espelhos de Clio”. Actuação política e figuras históricas*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.
- **PINA**, Ana Maria, “O resgate de D. Miguel, o «Príncipe Infeliz»”, *Ler História* nº 45, 2003, pp. 49-62.
- **PINTASSILGO**, Joaquim, “O «Absolutismo Esclarecido» em Portugal: inovações, polémicas e alinhamentos (final do século XVIII – início do século XIX)”, in Fernando Marques da Costa, Francisco Contento Domingues e Nuno Gonçalo Monteiro (org.), *Do Antigo Regime ao Liberalismo (1750-1850)*, Lisboa, Vega, s.d., pp. 22-31.
- **SILBERT**, Albert, *Portugal na Europa Oitocentista*, Lisboa, Edições Salamandra, 1998.
- **SILVA**, Armando Malheiro da, *Miguelismo. Ideologia e Mito*, Coimbra, Livraria Minerva, 1993.
- _____, *O Miguelismo na História Contemporânea de Portugal*, Braga, 1994, separata de *Itinerarium*, XXXIX (1993), pp. 537-647.
- **TENGARRINHA**, José, *Da Liberdade Mitificada à Liberdade Subvertida*, Lisboa, Edições Colibri, 1993.
- **VARGUES**, Isabel Nobre, “Insurreições e revoltas em Portugal (1801-1851)...”, *Revista da História das Ideias*, vol. 7, Coimbra, 1985, pp. 501-51.
- **VAZ**, Francisco António Lourenço, *Instrução e Economia. As Ideias Económicas no Discurso da Ilustração Portuguesa (1746-1820)*, Lisboa, Edições Colibri, 2002.

- VICENTE, António Pedro, *O Tempo de Napoleão em Portugal. Estudos Históricos*, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, 2000 (2ª edição).

2.4. História e historiografia

- ALBUQUERQUE, Luís de, *Introdução à história dos descobrimentos portugueses*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1989 (4ª edição).

- ALEXANDRE, Valentim, “As periferias e a implosão do império”, in Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri (dir.), *História da Expansão Portuguesa*, vol. 4, Lisboa, Círculo de Leitores, 1998, pp. 46-60.

- _____, “A viragem para África”, in *Idem*, pp. 61-87.

- _____, “Nação e império”, in *Idem*, pp. 90-139.

- BONIFÁCIO, Maria de Fátima, *Apologia da História Política*, Lisboa, Quetzal Editores, 1999.

- CARBONELL, Charles-Olivier, *Historiografia*, Lisboa, Editorial Teorema, 1992.

- CARVALHO, Filipe Nunes de, *Mare Liberum* nº 7, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Março de 1994, pp. 127-64.

- DUBY, Georges, ARIÈS, Philippe, LE GOFF, Jacques e LA DURIE, E. Leroy, *História e Nova História*, Lisboa, Editorial Teorema, 1989 (2ª ed.; 1ª ed.1986).

- FUETER, Ed., *Histoire de l’Historiographie Moderne*, Paris, 1914.

- GARCIA, João Carlos, *Um castelo de cartas antigas: construir e comemorar o império*, Porto, Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005 (texto policopiado), 23 pp.

- GODINHO, Vitorino Magalhães, “A história tradicional e os novos rumos de pesquisa”, in *A Economia dos Descobrimientos Henriquinos*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1962, pp. 1-17 (introdução).

- _____, “Dúvidas e problemas acerca de algumas teses da história da expansão”, 1943, in *Ensaio II (Sobre História de Portugal)*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1968, pp. 65-96.

- _____, “Duarte Leite – Balanço de uma Obra”, in *Ensaio III (Sobre Teoria da História e Historiografia)*, Lisboa, 1971, pp. 283-323.

- _____, *Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar (séculos XIII-XVIII)*, Lisboa, Difel, 1990.
- **JOÃO**, Maria Isabel (estudo inicial e selecção de documentos), *O Infante D. Henrique na Historiografia*, s.l., Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994.
- _____, “Organização da Memória”, in Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri (dir.), *História da Expansão Portuguesa*, vol. 4, *Op. cit.*, pp. 376-402.
- **MACEDO**, Jorge Borges de, “A «História de Portugal nos séculos XVII e XVIII» e o seu Autor”, in Luís Augusto Rebelo da Silva, *História de Portugal nos Séculos XVII e XVIII*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1971 (1ª ed. 1860-71), pp. 9-130.
- _____, “A Tentativa Histórica «Da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal» e as Insistências Polémicas”, in Alexandre Herculano, *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, tomo I, Lisboa, Livraria Bertrand (*Obras Completas de Alexandre Herculano*), 1975 (1ª ed. 1854-59), pp. XI-CXXXIV.
- _____, “A opinião pública na História e a História na opinião pública”, *Estratégia. Revista de Estudos Internacionais*, nº 1, Lisboa, Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais, Primavera de 1986, pp. 47-59.
- **MARQUES**, António Henrique de Oliveira (org., prefácio e notas), *Antologia da Historiografia Portuguesa*, vol. I, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1974.
- **MATOS**, Sérgio Campos, *Historiografia e Memória Nacional no Portugal do século XIX (1846-1898)*, Lisboa, Edições Colibri, 1998.
- _____, “A historiografia portuguesa dos descobrimentos no século XIX”, in *Los 98 Ibéricos y el mar*, Madrid, Comisaría General de España/Expo Lisboa, 1998, pp. 55-80.
- **MONTEIRO**, Carlos Queiroga, *A polémica acerca da prioridade dos descobrimentos portugueses (1830-1850)*, Faculdade de Letras de Lisboa, trabalho de licenciatura, 1996 (texto policopiado).
- **NEMÉSIO**, Vitorino, *A Mocidade de Herculano até à Volta do Exílio (1810-1832)*, com um prólogo de Luís A. de Oliveira Ramos, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, vol. XI das *Obras Completas*, 2003 (1ª ed., 2 vols., Lisboa, Livraria Bertrand, 1934).
- **PAGDEN**, Anthony, “Commerce and conquest. Hugo Grotius and Serafim de

Freitas on the freedom of the seas”, *Mare Liberum* nº 20, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Dezembro de 2000, pp. 33-55.

- RAMOS, Rui, “As origens ideológicas da condenação das descobertas e conquistas em Herculano e Oliveira Martins”, in *Análise Social*, 4ª série, vol. XXXII, 1997-1º, pp. 113-141.

- SARAIVA, António José, *Herculano e o Liberalismo em Portugal*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1977.

- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *A Historiografia Portuguesa*, vol. III, Lisboa, Editorial Verbo, 1974.

- _____, *Herculano e a Consciência do Liberalismo Português*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1977.

- TORGAL, Luís Reis, MENDES, José Amado e CATROGA, Fernando, *História da História em Portugal (Séculos XIX e XX)*, Lisboa, Círculo dos Leitores, 1996.

- VIEIRA, Celso, *Varnhagen (O Homem e a Obra)*, Rio de Janeiro, Álvaro Pinto, Editor, 1923.

2.5. Pensamento político

- ALBUQUERQUE, Martim de, *A Consciência Nacional Portuguesa (ensaio de história das ideias políticas)*, Lisboa, 1972.

- HOBBSAWM, Eric, *A Questão do Nacionalismo (nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade)*, Lisboa, Terramar, 2004 (1ª ed. 1998).

- KOHN, Hans, *Nationalism, its meaning and history*, Princeton, Von Nostrand Company, 1955.

- NISBET, Robert, *O Conservadorismo*, Lisboa, Editorial Estampa, 1987.

- PEREIRA, António José da Silva, “Estado de direito e «Tradicionalismo» liberal”, in *Revista da História das Ideias*, vol. 2, Coimbra, 1979, pp. 119-161.

- POTTER, David, “The historian's use of nationalism and vice-versa”, in *History and american society*, Nova Iorque, Oxford University Press, 1973, pp. 60-108.

- PRÉLOT, Marcel e LESCUYER, Georges, *História das Ideias Políticas*, vols. I e

II, Lisboa, Editorial Presença, 2000 e 2001.

- SMITH, Anthony D., *Identidade Nacional*, Lisboa, Gradiva, 1997.
- SNYDER, Louis, *The new nationalism*, Ithaca, Nova Iorque, Cornell University Press, s.d..
- TORGAL, Luís Reis, *Tradicionalismo e Contra-Revolução. O Pensamento e a Acção de José da Gama e Castro*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1973.
- _____, *Ideologia Política e Teoria do Estado na Restauração*, vol. I, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1981.
- _____, *História e Ideologia*, Coimbra, Livraria Minerva, 1989.
- TOUCHARD, Jean (dir.), *História das Ideias Políticas*, vols. II e III, Mem Martins, Publicações Europa-América, s.d..
- VAKIL, AbdoolKarim A., "Nationalising cultural politics: representations of the portuguese 'discoveries' and the rethoric of identitarianism, 1880-1926", in Clare Mar-Molinero e Angel Smith (editores), *Nationalism and the nation in the iberian peninsula (competing and conflicting identities)*, Oxford e Washington, Berg, s.d. [1996].

2.6. História diplomática

- BONIFÁCIO, Maria de Fátima, "A «causa» de D. Maria II (1826-1834)", *Análise Social*, vol. XXXIX (172), Lisboa, 2004, pp. 519-45.
- BRANDÃO, Fernando de Castro, "O Ultimato Francês de 1831 e a Diplomacia de D. Miguel", *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XXVIII, Lisboa-Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990, pp. 341-402.
- ESTEVES, Maria Luísa, *A questão do Casamansa e a delimitação das fronteiras da Guiné*, Lisboa, Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, 1988.
- MAGALHÃES, José Calvet de, *História das Relações Diplomáticas entre Portugal e os Estados Unidos da América (1776-1911)*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1991.
- MARCO, Franz, "A última batalha do Tejo", *História*, 3ª série, vol. XXVIII, nº 69, Setembro de 2004, pp. 28-33.
- ROSÁRIO, Fernando de Moraes do (introdução, tradução e notas), in Pietro

Francesco Viganego, *Ao serviço secreto da França na Corte de D. João V*, s.l., Lisóptima Edições/Biblioteca Nacional, 1994.

- **SALDANHA**, António Vasconcelos de, *Iustum Imperium. Dos Tratados como Fundamento do Império dos Portugueses no Oriente. Estudo de História do Direito Internacional e do Direito Português*, Lisboa, Fundação Oriente/Instituto Português do Oriente, 1997.

- **SAMPAIO**, Luís Teixeira de, *O Arquivo Histórico do Ministério dos Negócios Estrangeiros (Subsídios para o Estudo da História da Diplomacia Portuguesa)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925.

2.7. Bibliografia mais recente sobre o 2º visconde de Santarém (2010-2012)

- **GARCIA**, João Carlos, «Santarém “le navigateur” à Paris. Cartes, diplomatie et sociétés savantes», em Jean Marc Besse, Hèlene Blais e Isabelle Surun (dir.), *Naissance de la géographie moderne (1760-1860)*. Paris, Ens Éditions, 2010, pp. 57-82.

- **OLIVEIRA**, Francisco Roque de, «Dois séculos de história de cartografia em Portugal», em Francisco Roque de Oliveira (coord.), *Leitores de mapas: dois séculos de História da Cartografia em Portugal*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Centro de Estudos Geográficos/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Centro de História de Além-Mar/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Agosto de 2012, pp. 11-19.

- **PROTÁSIO**, Daniel Estudante, entrada relativa ao 2º visconde de Santarém, no Dicionário de Historiadores Portugueses da Biblioteca Nacional de Lisboa, acessível desde Novembro de 2011, in <http://dichp.bnportugal.pt/historiadores.htm>

- _____, «O 2º Visconde de Santarém e a tradição documental portuguesa (1817-1846)», em Sérgio Campos Matos e Maria Isabel João (org.), *Historiografia e Memória (séculos XIX-XXI)*, Lisboa, Centro de História/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais/Universidade Aberta, 2012, pp. 251-262.

- _____, entrada relativa ao 2º visconde de Santarém em Francisco Roque de Oliveira (coord.), *Leitores de mapas: dois séculos de História da Cartografia em Portugal*, *Op. cit.*, Agosto de 2012, pp. 43-55.

Índice remissivo onomástico de autores e figuras históricas ⁽⁶⁶³⁾

⁶⁶³ O presente índice remissivo apenas inclui os nomes dos autores e figuras anteriores à morte do 2º visconde de Santarém (ocorrida em 1856), com excepções muito pontuais, como Gama Barros.

- Aberdeen, conde de – 139
- Abreu, Joaquim Manuel de Faria Lima e – 160
- A'Court, Sir William – 156, 160
- Adrianópolis, arcebispo de – 38
- Afonso I, D. – 139, 167
- Afonso III, D. – 30
- Afonso IV, D. – 255
- Afonso VI, D. – 190, 209
- Afonso, D. Urraca – 30
- Aguiar, marquês de – 61, 199, 200, 317 n.
- Aillaud, Jean-Pierre – 283, 307 (e n.), 309, 312, 313
- Albuquerque, Diogo Vieira de Tovar e – 182, 183
- Alcântara, D. Pedro de – Ver Pedro IV, D.
- Alegrete, marquês do – 42
- Algarve, bispo do (D. Bernardo António de Figueiredo) – 156
- Alorna, 1º marquês de – 183
- Amaral, António Caetano do – 84, 88, 125
- Amarante, 1º conde de – 164
- Amarante, 2º conde de – Ver Chaves, 1º marquês de
- Ancillon, Frédéric – 265, 266
- Andrada, José Bonifácio de – 64
- Andrade, Gomes Freire de – Ver Castro, Gomes Freire de Andrade e-
- Andrade, José Maria Dantas Pereira de – 43 n., 127 (e n.), 147, 181 n., 301 n., 319
- Araújo, Alexandre Herculano Carvalho de – 22-24, 36-37, 45, 53-61, 63-64, 66-87, 91, 93, 98, 102, 222, 232-233, 236, 261, 273 n.
- Araújo, Teodoro Cândido de – 56
- Arcos, 8º conde dos – 42
- Asseca, visconde de – 139 (e n.), 164, 171 n., 172 n., 173 n., 175, 176 n., 319
- Avezac – Ver Macaya, Marie-Armand-Pascal d'Avezac de Castera-
- Atouguia, visconde de – 41 n., 74 n., 258 n., 259 n., 270 n., 319
- Ávila, José António de – Ver Ávila, barão, marquês e duque de
- Ávila, barão, marquês e duque de (José António de Ávila) – 75
- Avranches, conde de (Álvaro Vaz de Almada) – 191
- Azevedo, António de Araújo de – Ver Barca, conde da
- Azevedo, Marco António de – 191
- Azinhaga, conde de – 204
- Azurara, Gomes Eanes de – Ver Zurara, Gomes Eanes de
- Bacon, Francis – 125
- Balsemão, 1º visconde de (Luís Pinto de Sousa Coutinho) – 111, 123 n., 180

- Bandeira, barão, visconde e marquês de Sá da – 19 n., 236, 238, 239, 240, 246, 246, 266
- Barbacena, 1º conde de – 127, 146, 163, 306
- Barbacena, 2º conde de – 163
- Barbeyrac, Jean – 180 e n.
- Barbosa, António do Carmo Velho de – 87
- Barbosa, cónego Januário da Cunha – 64, 313
- Barca, conde da (António de Araújo de Azevedo) – 61, 64, 111, 119, 123 n., 199, 200
- Barradas, Fernando Luís Pereira de Sousa – 156
- Barros, Henrique da Gama – 45, 46, 323 n.
- Barros, João de – 101, 229, 248, 249
- Barros, José António de Oliveira Leite de – Ver Basto, conde de
- Basto, conde de (José António de Oliveira Leite de Barros) – 163, 165, 177, 221
- Bastos, José Joaquim Rodrigues de – 155, 158
- Beckford, William – 204 e n.
- Bellefond, Villaut de – 247
- Benedita, D. Maria – 202
- Benevides, Inácio António da Fonseca – 74
- Bergeron – 247
- Bettencourt, Jean – 249, 254, 263
- Biker, Júlio Firmino Júdice – 195
- Bismarck, príncipe de – 208, 329
- Blackstone, Sir William – 113, 125
- Boas, Frei Manuel do Cenáculo Vilas – 32, 33, 43, 49, 111, 119, 204 e 280
- Boaventura, Frei Fortunato de São – 118 n., 165 n.
- Bodin, Jean – 112, 173
- Boémia, Martim da – 248
- Bonald, visconde de – 111 e n.
- Bonhomme, Edmundo Potenciano – 215, 216, 217
- Borba, marquês de – 166, 168
- Borges, José Ferreira – 216
- Bórgia, cardeal – 272
- Bollin – 49 n., 319
- Branco, José Barbosa Cannaes de Figueiredo Castelo – 75 n., 319
- Brandão, Frei António – 84
- Brandão, Frei Mateus d'Assumpção – 165
- Brandão, São – 253
- Bretodano, António de Abreu y – 186 e n.
- Breyner, Pedro de Mello – 155, 202
- Brito, cavaleiro de – 204 e n., 206
- Brochado, José da Cunha – 64, 65, 183
- Brun, Conrad Malte- – 267
- Burlamaqui, Jean-Jacques. -112
- Burke, Edmund – 91, 113, 125, 173, 274, 276, 277

- Cabral, António Bernardo da Costa**
– Ver Tomar, conde e marquês de
- Cabral, José Bernardo da Silva Costa** – 73
- Cadaval, 6º duque de** – 36, 125, 127, 163, 165, 166, 168, 169, 171, 175, 177, 220, 319, 320
- Câmara, D. Luís da** – 202
- Camões, Luís de** – 101, 272, 275
- Campo, 1º conde de Vila Franca do** – 114
- Canelas, visconde de** – 164
- Carlos V** – 30, 89, 100, 101
- Carlos X** – 159
- Carneiro, Bernardino José da Silva**
– 77
- Carreira, visconde e conde da** – 61 n., 65, 66 e n., 75 e n., 76 n., 147 n., 199 n., 201 n., 222 n., 227, 239, 240 n., 307 n., 319
- Carvalho, António Coelho de** – 192
- Carvalho, Luís José de** – 117
- Carvalho, Francisco Freire de** – 74
- Carvalho, José Liberato de** – 23, 65, 67, 74, 84, 86, 109, 125, 131, 150, 152, 155, 156, 159, 204, 205, 280, 282
- Cassas, L.** – 212, 214-219
- Castilho, António de** – 191
- Castro, D. António de São José e** – 36
- Castro, Dr. Bernardo José Abrantes e** – 160
- Castro, Gomes Freire de Andrade e** – 56, 158
- Castro, D. João de** – 101, 305
- Castro, José Ferreira Borges de** – 183, 184 n., 195
- Castro, Martinho de Mello e** – 41
- Castro, António Manuel LopesVieira de** – 58
- Castro, visconde de** – 68 n., 71 n., 99 n., 104 n., 107 n., 234 n., 270 n., 319
- Cenáculo, arcebispo** – Ver Boas, Frei Manuel do Cenáculo Vilas
- Champollion, Jean-François** – 64 n., 267
- Chalmers, George** – 195
- Chateaubriand, visconde de** – 111
- Chaves, 1º marquês de** – 164, 165
- Ciro** – 100
- Clinton, general William** – 212
- Colbert, Jean-Baptiste** – 247
- Colombo, Cristovão** – 228, 232, 241, 244, 252, 263, 265, 269, 270, 272
- Compans, Henri Ternaux-** – 250, 252 e n., 310
- Conceição, Frei Cláudio da** – 31
- Condorcet, marquês de** – 327
- Constâncio, Francisco Solano** – 65, 204
- Cortés, Hernán** – 48
- Costa, Hipólito José da** – 85
- Coutinho, Luís Pinto de Sousa** – Ver Balsemão, 1º visconde de
- Cromwell, Oliver** – 213
- Cunha, D. Luís da** – 64, 190 e n., 191

- Dário III – 100
- De Jant – 192
- Demagnet – 247
- Denis, Ferdinand – 50, 71, 84, 231
- Deus, Frei Faustino da Madre de – 85, 138, 165, 167
- Dinis, D. – 30, 275
- D’Oppede – 192
- Dosguimarães, Francisco Ribeiro – 144
- Duarte, D. – 93, 189, 229, 275, 310 n.
- Dumont, Jean – 78, 180 n., 184, 186 e n., 193 n. e 195
- Durão, Carlos Honório de Gouveia – 153
- Ekstein, barão de – 101
- Eltz, conde de – 201, 202
- Eschwege, barão de – 43
- Estancelin, Louis – 245, 246 n., 247, 251, 252
- Fernando II, D. – 79
- Fernando VII – 160
- Ferraz – Ver Rendufe, conde de
- Ferrer, Jaime – 248, 249, 251-255, 263
- Ferreira, Silvestre Pinheiro – 109, 110 n., 179
- Ficalho, conde de – 66
- Figanière, visconde de – 302 n, 319
- Figueira, conde da – 163, 172 n., 173 n., 319
- Figueiredo, José Anastácio de – Ver Ribeiro, José Anastácio de Figueiredo
- Figueiredo, António Pereira de – 117
- Filipe II – 138
- Filipe, Luís – 217
- Flassan, Gaëtan de Raxi de – 197 e n.
- Flor, conde de Vila – Ver Terceira, marquês e duque de
- Flórez, Padre Enrique – 183
- Francisca, D. Maria – 163
- Franklin, Francisco Nunes – 144
- Freire, Pascoal José de Melo – Ver Reis, Pascoal José de Melo Freire dos
- Freire, Principal – 166, 168
- Funchal, conde e marquês do – 125, 133 e n., 198, 206
- Gabriel, D. – 32, 36
- Galvão, Joaquim de Santo Agostinho Brito França – 144
- Gama, António de Saldanha de – Ver Santo, conde de Porto
- Gama, Vasco da – 230, 265, 266, 272, 275, 306
- Garcia, visconde de Vila – 164
- Garrett, João Baptista da Silva Leitão de Almeida – 58, 75, 92, 151, 152, 159, 161, 204, 280, 283
- Genois, barão de Saint – 87 e n., 88 n., 128 n., 303, 320
- Gibbon, Edward – 88-91

- Glória, D. Maria da – Ver Maria II, D.
- Góis, Damião de – 31, 64
- Góis, Francisco Mendes de – 192
- Gordo, Joaquim José Ferreira – 43, 46, 61, 144, 145, 184
- Gosselin, Pascal-François-Joseph – 266
- Gouveia, João Cândido Baptista de – 160
- Grey, conde de – 213
- Grócio, Hugo – 109, 112
- Grotfend – 47
- Guérard, Jean – 247
- Guerreiro, José António – 134, 160
- Guião, António José – 163 n, 167, 168
- Guilherme IV – 217, 220
- Guimarães, Francisco Ribeiro dos – Ver Dosguimarães, Francisco Ribeiro
- Guizot, François – 60, 90, 98, 125, 184, 239, 245, 250, 266, 273 n.
- Gusmão, D. Luísa de – 189
- Hanão – 266
- Hase, Carl Benedict – 64 n.
- Heeren, Arnold Herman Ludwig – 265, 266, 271, 272
- Henrique, D. (cardeal-rei) – 102
- Henrique, D. (infante) – 83, 97, 101, 226-231, 248, 262, 270, 293, 306 e 320
- Henriques, D. Afonso – Ver Afonso I, D.
- Henriques, José Anselmo Correia – 40, 143
- Herculano, Alexandre – Ver Araújo, Alexandre Herculano Carvalho de
- Holstein, D. Alexandre de Sousa – 114
- Honorío, imperador – 49, 301
- Hoppner, Richard Belgrave – 216
- Humboldt, barão Alexander von – 111, 228-229, 242-244, 247-252, 254, 266-267, 269-270, 319
- Humbolt, Wilhelm von – 98
- Hume, David – 88-90
- Ibarra – 32
- Inocêncio, Frei – Ver Portugal, Frei Inocêncio das Neves
- Irving, Washington – 265, 266, 270
- Jal, Auguste – 329
- João I, D. – 30, 96, 100, 139
- João II, D. – 30
- João III, D. – 30, 33, 71, 100-102, 118
- João IV, D. – 94, 138, 167, 189, 191, 209
- João V, D. – 71, 100, 114, 119-121, 123, 189-192, 200
- João VI, D. (rei e regente) – 27 n., 32, 35-36, 41, 59, 85, 100, 114-115, 120-121, 123, 127, 141-142, 146, 148, 151, 200, 201, 206
- Joaquina, D. Carlota – 163, 166

- Jomard, Edme-François** – 231, 256-259, 267-268, 313
- Jordão, Joaquim Teles** – 164, 175
- Jorge IV** – 143 n.
- José, D. (Príncipe)** – 32, 36
- José I, D.** – 71, 100, 114, 116, 120, 121, 189
- Josefa, arquiduquesa D. Leopoldina** – 200, 201
- Josefa, D. Maria Victória** – 36
- Junot, Jean-Andoche** – 35
- Laborde, Léon de** – 271
- Lacerda, António Manuel Galvão de** – 191
- Lafões, 2º duque de** – 64
- Lafões, 3º duque de** – 163, 168, 171 n., 320
- Lajard, Jean-Baptiste Félix** – 50
- Langlois, Victor** – 47
- Lanier** – 192
- Lapa, conde da** – 206, 207
- Lavradio, conde do** – 65, 66, 107 n., 203, 222 n., 239, 240 n., 320
- Leibnitz, Gottfried Wilhelm von** – 195
- Leitão, Manuel Duarte** – 155
- Lekun** – 47
- Lencastre, António de** – 67 n., 76 n., 87 n., 319
- Leonard, Frédéric** – 186 e n.
- Letronne, Jean-Antoine** – 50
- Lima, Cândido Figueiredo e** – 163 n.
- Lima, José Barata Freire de** – 174
- Lima, José Joaquim Lopes de** – 222, 239, 312
- Lima, Luís Caetano de** – 183
- Lima, 1º marquês de Ponte de** – 122
- Lima, visconde de Ponte de** – 191
- Linhares, 1º conde de** – 43, 45, 111, 114, 116 n., 143
- Linhares, 2º conde de** – 114
- Lobato, Bernardo José de Sousa** – 56
- Lobato, José António de Sousa** – 56 n.
- Lobato, Pedro de Alcântara de Sousa** – 56 n.
- Lobo, D. Francisco Alexandre** – Ver Viseu, bispo de
- Loureiro, João Bernardo da Rocha** – 85
- Lourenço, 6º conde de São** – 122, 123, 125, 150 n.
- Lourenço, 9º conde de São** – 163, 165, 175, 221
- Lowenstern, Isidore** – 47
- Lucena, Vasco de** – 191
- Luís I, D.** – 65, 66, 320
- Luís, D. (duque de Beja)** – 189
- Luís, Frei Francisco de São** – Ver Saraiva, Cardeal
- Lünig, J.C.** – 183
- Lusitano, Cândido** – 230
- Luynes, duque de** – 50
- Mabillon, D. Jean** – 46, 87

- Mably, Gabriel Bonnot de** – 180 e n., 197 e n.
- Macaya, Marie-Armand-Pascal d’Avezac de Castera-** – 24, 93, 228, 231, 242-245, 247, 251-255, 259, 264, 267
- Macedo, Joaquim José da Costa de** – 58, 69, 74, 144, 189 e n., 255, 266 n., 309 n., 319
- Macedo, José Agostinho de** – 109, 116 n., 118 n., 123 n., 168
- Machado, Diogo Barbosa** – 75, 81
- Machado, Inácio Barbosa** – 81 n.
- Mackenzie** – 176
- Maffei, Giovanni Pietro** – 46, 87
- Magalhães, João de Mattos Vasconcelos Barbosa de** – 155, 163, 166, 167, 171, 174, 220
- Magalhães, Rodrigo da Fonseca** – 5, 44 e n., 47 n., 58, 68 n., 79, 98, 102 n., 106 n., 107 n., 114, 119, 120 n., 121 n., 141, 231 n., 234 n., 236, 240 n., 246 n., 247 n., 250 n., 251 n., 258 n., 317 e n., 320
- Maior, 2º conde de Rio** – 114
- Maior, 3º conde de Rio** – 65 n., 176 n., 279, 320
- Major, Henry** – 231 e n., 320
- Manuel I, D.** – 100, 101
- Maria I, D.** – 32, 34, 36, 85, 100, 121
- Maria II, D.** – 75, 114, 134, 135, 151, 202
- Maria, D. Isabel** – 130, 151, 152, 155, 156, 160, 161, 176
- Marialva, 6º marquês de** – 64, 204-206
- Marreca, António de Oliveira** – 236
- Marta, visconde de Santa** – 164, 165
- Martens, barão Charles** – 193
- Martens, George-Frédéric de** – 109, 179, 195
- Mateus, morgado de (José Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos)** – 34, 64, 114
- Mazarino, cardeal de** – 191
- Melhor, conde de Castelo** – 190
- Mello, Francisco de** – 65, 192
- Melo, Francisco Freire de** – 33
- Melo, Sebastião José de Carvalho e – Ver Pombal, marquês de**
- Mendonça, Luís de Paula Furtado de Castro Rio de** – 163 n.
- Meneses, Francisco de Alpoim e** – 164
- Mesquita, José Joaquim de Barros e** – 32
- Metternich, príncipe de** – 201, 208
- Mey, Claude** – 112, 113, 174
- Michelet, Jules** – 90
- Midosi, Luís Francisco** – 86
- Mielle, barão de** – 71, 304
- Mignet, François** – 89, 90 e n., 103, 266, 273 n., 320
- Miguel I, D.** – 21, 23-25, 27 e n., 35, 36, 56 e n., 58, 62, 66, 79, 92, 97, 114, 115, 127-129, 134-136, 138, 139, 141,

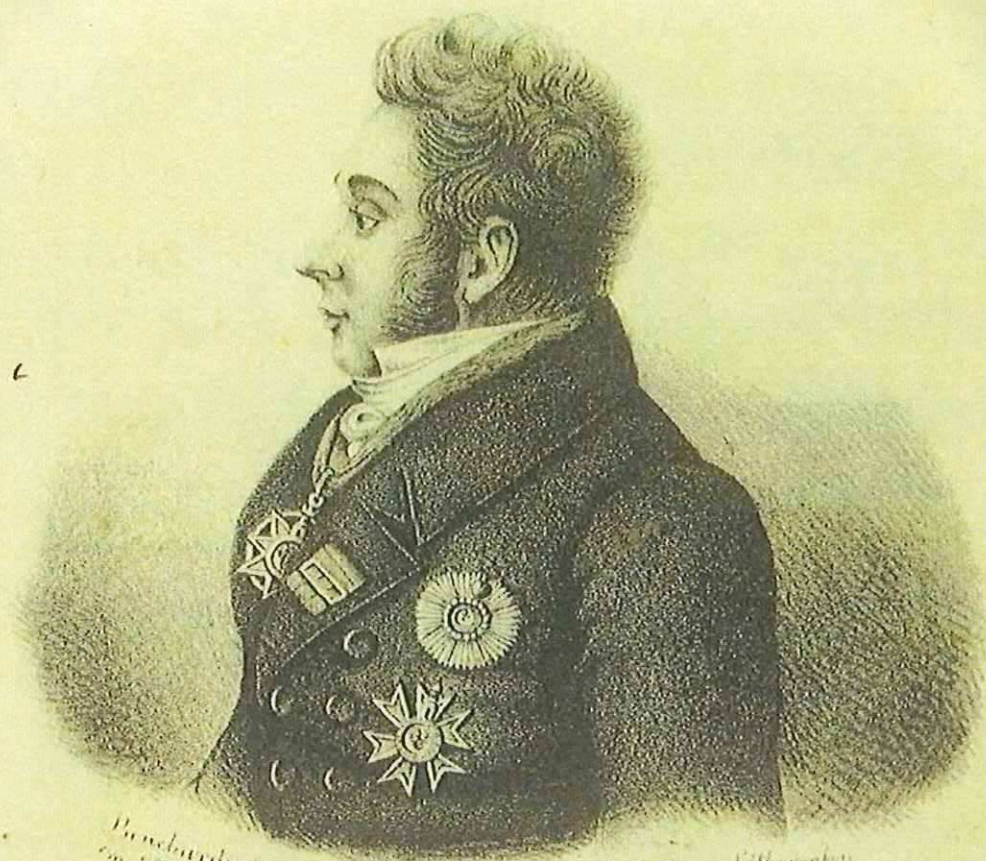
- 150, 151, 154, 157, 161, 163-167, 169 n., 170-173, 175-177, 179, 181, 208-211, 213, 214, 218-221, 224, 262, 304 n.
- Missy, Jean Rousset de** – 193 e n., 195
- Molé, conde de** – 240 n., 246, 273 n.
- Molelos, visconde de** – 164
- Mollems, monsieur de** – 200
- Montealegre, visconde de** – 164
- Montesquieu, barão de** – 91, 112, 113, 125, 173, 265, 266, 276, 277
- Montfaucon, Bernard de** – 33
- Morato, Francisco Manuel Trigoso de Aragão** – 149, 153, 156
- Mornay, abade de** – 192
- Mota, cardeal da** – 190, 191
- Muñoz, Juan Bautista** – 248
- Muratori, Ludovico Antonio** – 183
- Napoleão I** – 94
- Napoleão III** – 65, 222
- Navarrete, Martín Fernández de** – 98, 242-244, 248, 269, 270, 304 n., 332
- Neveu, barão de** – 201
- Nisa, marquês de** – 192
- Nogueira, Ricardo Raimundo** – 38, 119 e n.
- Olhão, marquês de** – 166, 168
- Oriola, conde de (Joaquim José António Lobo da Silveira)** – 128 n., 130 n., 198, 199 n.
- Paiva, Vicente Ferrer Neto** – 77
- Palmela, conde, marquês e duque de** – 22, 45, 98, 114, 134, 145, 147, 148, 157, 161, 166 e n., 176, 198, 199 n., 200 n., 206, 302, 317 n., 320
- Palmerston, visconde de** – 213, 219, 239
- Pancas, Senhor de (José Sebastião de Saldanha Oliveira Daun)** – 56, 133, 143
- Pardessus, Jean-Marie** – 266
- Pedro II, D.** – 94, 189
- Pedro IV (I do Brasil), D.** – 36, 65, 85, 115, 131, 151, 152, 154, 161, 169, 181, 200, 202, 222, 262
- Pedro V, D.** – 20, 65, 66, 79, 320
- Peel, Sir Robert** – 277
- Penalva, 3º marquês de** – 84, 109, 110, 119, 122-125
- Pereira, António Guedes** – 190, 191
- Pereira, Carlos Matias** – 191 n., 320
- Pereira, Francisco José de Paiva** – 204
- Pereira, José Maria Dantas** – Ver Andrade, José Maria Dantas Pereira de
- Pérsia, Xá da** – 30
- Perthes, Boucher de** – 50
- Pertz, Georg Henrich** – 61, 98, 184
- Pessanha, João Pedro de Almeida** – 75 n.

- Pinto, Albano Antero da Silveira – 173
46 n., 312, 319
- Pinto, António Joaquim de Gouveia – 165
- Pio VII – 117
- Pitt o novo, William – 173
- Plínio, o Antigo – 82
- Polignac, príncipe Jules de – 159
- Pombal, 1º marquês de (Sebastião José de Carvalho e Melo) – 64, 114, 116-120, 124, 191, 192
- Pombal, 2º marquês de – 114
- Ponte, 1º conde da – Ver Sande, marquês de
- Ponte, 7º conde da – 114, 157 e n., 159-163, 170, 171 e n., 174-176, 179, 191, 205 e n., 320
- Ponte, 8º conde da – 43 n., 45 n., 47 n., 48 n., 65 e n., 68 n., 69 n., 71 n., 72, 73 n., 91 n., 92 e n., 93 n., 101 n., 106 e n., 116, 117 n., 229 n., 230 n., 234 n., 320
- Ponte, condessa da – 201
- Portugal, Frei Inocêncio das Neves – 202
- Portugal, João da Cunha Neves e Carvalho – 74
- Portugal, Tomás António de Vila Nova – 201-203
- Preller – 47
- Primo, Dal Borgo di – 201, 202
- Ptolomeu – 82
- Pufendorf, Samuel von- 109, 112,
- Quatremère, Marc – 50
- Rabaudy, capitão de-mar-e-guerra De – 219
- Rabbe, Alphonse – 84
- Raczynki, conde – 72
- Rainha, 1º visconde de Vila Nova da – 56 n., 142
- Rainha, 2º visconde de Vila Nova da – 44 n., 75 n., 321
- Ranke, Leopold von – 60, 71, 89 e n., 90, 102, 105, 266, 270, 277
- Raynal, abade – 265
- Real, Diogo Mendonça Corte- – 191
- Recreio, Francisco Maria Pires – 74 e n., 135 n.
- Regiomontanus – 248
- Régua, visconde de Peso de – 164
- Reis, Joaquim dos – 77
- Reis, Pascoal José de Melo Freire dos – 33, 76, 84, 119
- Rendufe, 1º visconde e 1º conde de (Castro, Simão da Silva Ferraz de Lima e) – 160
- Resende, André de – 48, 49, 81, 82
- Ribeiro, António Gomes – 166, 167
- Ribeiro, João Pedro – 43, 45, 46, 54, 60, 64 n., 76-80, 128, 144, 183
- Ribeiro, José Anastásio de Figueiredo – 46, 64 n., 84
- Richelieu, cardeal de – 112, 173, 192,

- 219, 247
- Ritter, Karl** – 266, 267 e n. 269
- Robertson, William** – 88, 89, 90, 113, 265, 271
- Rochette, Désiré Raoul** – 50
- Rodrigues, Caetano Jorge** – 56
- Rousset – Ver Missy, Jean Rousset de**
- Roussin, barão e contra-almirante Albin Reine** – 57, 207, 211, 212 e n., 213, 215, 217, 219, 220, 221
- Russell, Lord William George** – 176
- Rymer, Thomas** – 78, 180, 184
- Sá, Salvador Correia de** – 164
- Sá, Sebastião José Ribeiro de** – 302 n., 320
- Sabrinus, Marcus Minutius** – 49
- Sacy, Silvestre de** – 50
- Saint-Pé** – 192
- Saldanha, conde, marquês e duque de** – 19 n., 58, 66, 79, 114, 116, 149, 153-158, 160, 161
- Saldanha, D. Sancho Manuel de Vilhena** - 56
- Salisbury, Lord** – 238, 239
- Sampaio, Manoel Pereira de** – 184
- Sanches, António Nunes Ribeiro** – 64
- Sande, marquês de (1º conde da Ponte)** – 191
- Santa Clara, Frei Joaquim de** – 117
- Santarém, 1º visconde de (João Diogo de Barros Leitão e Carvalhosa)** – 31-36, 38, 50, 57, 119, 142, 200, 201, 279, 280, 285
- Santarém, viscondessa de (Maria Amália de S, aldanha da Gama Melo e Torres)** – 116, 143, 191 n., 200, 205, 320
- Santo, conde de Porto (António de Saldanha da Gama)** – 42, 143, 148, 198-200, 205 e n.
- Santos, António Ribeiro dos** – 34, 76, 84, 109, 110 n., 111, 119, 229, 230, 261
- Saraiva, António Ribeiro** – 164, 165, 173 n., 212 n., 319
- Saraiva, José Ribeiro** – 145, 165, 167, 168
- Saraiva, Cardeal (Frei Francisco de São Luís)** – 23, 58, 65, 231, 233, 236, 262, 266, 308 n.
- Sauvinet, Cláudio** – 215, 216
- Savigny, Friedrich Carl von** – 61, 89, 90, 91, 275, 277
- Schaefer, Henrich** – 71, 84, 231, 248, 306
- Schlegel, Karl Whilelm Friedich** – 89-91, 101, 105, 111, 272, 275, 277
- Sebastião, D.** – 33, 100
- Seco, visconde de Rio** – 201
- Seixas, João Paulo Bezerra de** – 200, 201
- Sequeira, Domingos António de** – 34
- Serra, abade José Francisco Correia da** – 43, 46, 61, 64, 67, 78, 144, 184,

- 203, 207
- Sertório – 83
- Sila – 83
- Silva, Inocêncio Francisco da – 40, 44, 63
- Silva, José Seabra da – 117, 123-125, 127
- Silva, D. Frei Patrício da – 166
- Silva, José Soares da – 183, 229, 230
- Silva, Luís Augusto Rebelo da – 46, 53, 78, 231
- Silveira, Joaquim José António Lobo da – Ver Oriola, conde de
- Silveira, João Maria Borges da – 165
- Simon, Saint- – 242
- Sismondi, Jean Charles Léonard
- Sismonde di – 111
- Smith, Adam – 265
- Soares, Tomás Brown – 133
- Soult, marechal Jean-de-Dieu – 20 n.
- Soure, conde de – 191
- Sousa, António Caetano de – 183
- Sousa, Ayres Pinto de – 155
- Sousa, Francisco António de – 56, 57
- Sousa, Manuel Caetano de – 57
- Staël, madame de – 111
- Stein, barão Henrich Friedrich Karl von – 61, 98
- Stockler, Francisco de Borja Garção – 61, 229
- Stuart, Sir Charles – 127, 147
- Sussex, duque de – 143
- Talleyrand, príncipe de – 205, 219
- Tarouca, conde – 190, 191
- Teodósio, D. – 130
- Terceira, marquês e duque da (e conde de Vila Flor) – 65, 66 e n., 73, 119, 157, 234 n., 250 n., 251 n., 317 n.
- Teresa, D. Maria – 163
- Thierry, Augustin – 68, 70, 84, 105, 125, 273 n.
- Thiers, Adolphe – 60, 90
- Tomar, conde e marquês de (António Bernardo da Costa Cabral) – 50 n., 73, 74 e n., 79, 98, 114, 119, 120 e n., 317 n., 321
- Tomás, Caetano – 57
- Torres, Maria Amália de Saldanha da Gama Melo e – Ver Santarém, viscondessa de
- Treitschke, Heinrich von – 95
- Unímamo, Cláudio – 27 n.
- Urban, marquês de Fortia d' – 71
- Urville, Dumont d' – 258
- Valdez, António Travassos – 31 n., 199 n., 205 n., 206 n., 319
- Vandelli, Domingos – 43
- Varnhagen, Francisco Adolfo de – 58, 65, 232 e n., 243 e n., 244 e n., 252, 264, 306, 312, 319
- Várzea, visconde da – 164
- Vasconcelos, Diogo Mendes de – 48
- Vattel, Eric de – 109, 112, 240

- Veiga, António Germano da** – 164, 173, 215 n, 320
- Verney, Luís António** – 232
- Vespúcio, Américo** – 69, 101, 232, 241, 243-245, 252, 265, 270, 276, 304-306, 310, 315
- Vicent, Jean Baptiste Bory de Saint-**
– 72
- Vico, Giambattista** – 90
- Vidigueira, conde da** – Ver Nisa, marquês de
- Vieira, Padre António** – 64, 65, 191, 192
- Vieira, Francisco José** – 163
- Viganego, Pietro Francesco** – 192
- Villemain, Abel-François** – 250
- Viriato** – 27 n., 49, 85
- Viseu, bispo de (D. Francisco Alexandre Lobo)** – 156, 165 n., 166
- Viterbo, Joaquim de Santa Rosa de** – 64 n.
- Vivaldi, irmãos** – 248, 249, 254, 263
- Voltaire** – 88, 89, 96, 232, 265
- Walckenaer, barão de** – 229, 253, 263, 266-268
- Walton, William** – 128, 129
- Wappaüs, Johan Eduard** – 231 e n., 270
- Wesseling, Peter** – 266
- Winckelman** – 91
- Xavier, Francisco José da Serra** – 183
- Xavier, José Cândido** – 204
- Zurara, Gomes Eanes** – 69, 93, 101, 226-228, 248, 260, 307



Handwritten text: Daniel Estudiante Protásio em Lisboa em 1821

Handwritten text: Off. de Santos

Handwritten text: Vis. de Santarém em Lisboa 1816

Visconde de Santarém

Daniel Estudiante Protásio (n. 1972) é Doutor em História Institucional e Política Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Estudou a vida e obra do 2º visconde de Santarém nas teses de mestrado e de doutoramento, defendidas em provas públicas em 1999 e 2009. Desenvolve, actualmente, trabalho de pós-doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, dedicado à actividade historiográfica da Academia das Ciências no período entre 1779 e 1859. Tem colaborado com vários artigos para o Dicionário de Historiadores Portugueses (on-line), da Biblioteca Nacional de Portugal. Foi bolseiro de doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia entre 2001 e 2005. É Formador Externo no Centro de Formação e Reabilitação Profissional de Alcoitão, do Instituto do Emprego e Formação Profissional, desde 2010. É sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa desde 2000.

Palavras-chave: 2º visconde de Santarém; Alexandre Herculano; Academia das Ciências de Lisboa; D. Miguel; cortes tradicionais portuguesas; História; Geografia; Cartografia.

Keywords: second viscount of Santarém; Alexandre Herculano; Academia das Ciências of Lisboa; D. Miguel; portuguese traditional *cortes*; History; Geography; Cartography.

Neste livro é possível encontrar informação preciosa sobre o percurso intelectual e político do 2º visconde de Santarém (1791-1856), um dos eruditos e historiadores portugueses mais importantes da primeira metade do século XIX e um geógrafo e cartógrafo de renome mundial na sua época. Com uma produção escrita relevante entre 1821 e 1854, constitui como que um elo ignorado na cadeia evolutiva do pensamento histórico português entre a fundação da Academia das Ciências de Lisboa (em 1779) e a publicação dos *Portugaliae Monumenta Historica*, de Alexandre Herculano (1856-1867). Estruturado em cinco capítulos, dedicados à vida pessoal e intelectual, à historiografia, à política, à diplomacia e à geografia e cartografia, *Pensamento histórico e acção política do 2º visconde de Santarém (1809-1855)* reúne, em menos de trezentas páginas de texto, a análise interdisciplinar de uma figura histórica tão complexa e fascinante quanto esquecida e incompreendida pelo grande público português.



POPH

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

ISBN digital: 978-84-686-4921-4